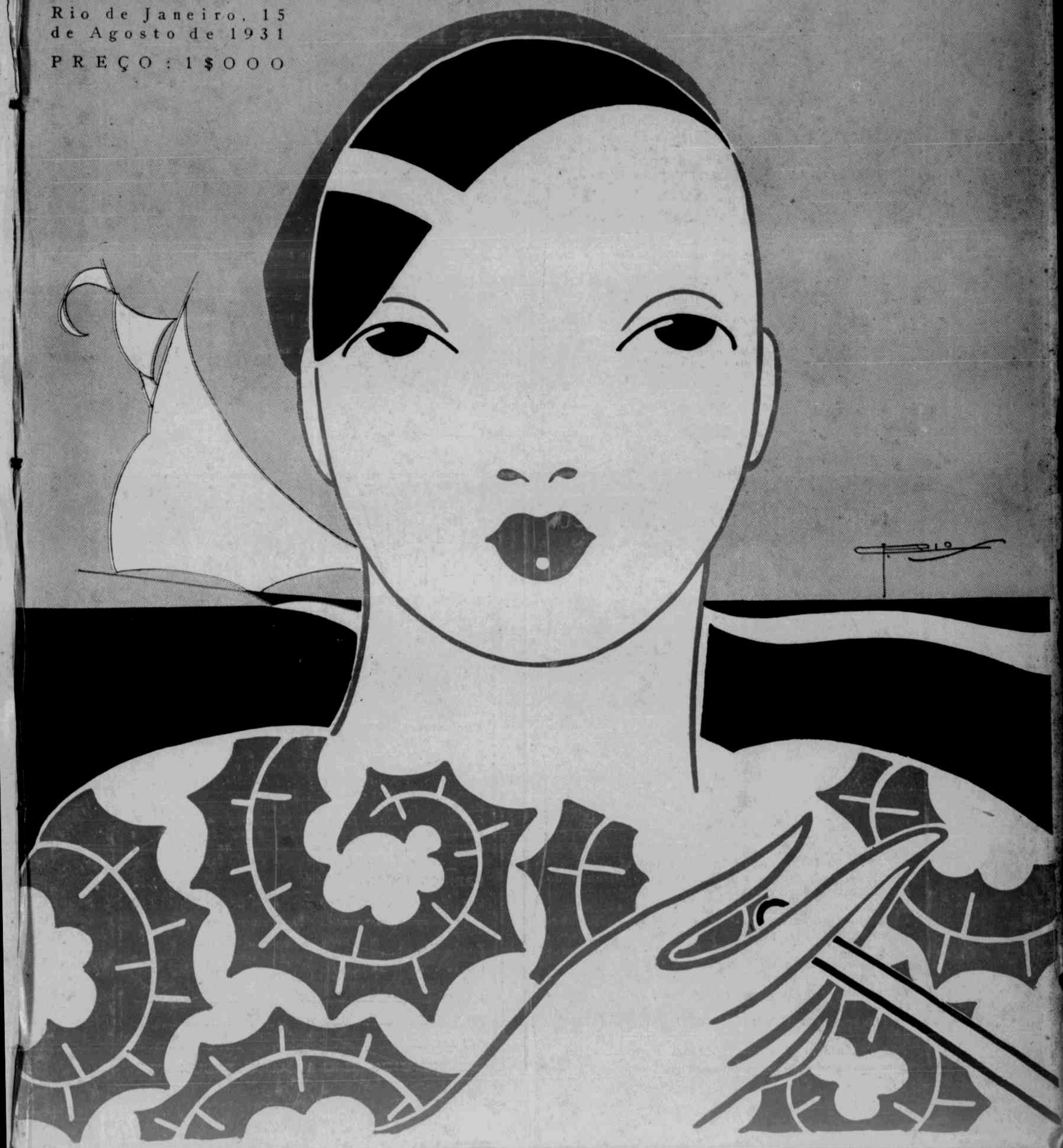
PARA·TODOS...

ANO XIII — NUM. 661
Rio de Janeiro, 15 de Agosto de 1931
PREÇO: 1$000

AS TINTAS PARA CABELOS E ALGUNS CONSELHOS POR A. DORET

Raras são as tintas para cabelos que satisfazem quem as emprega. Nem sempre são inofensivas.

Outra tintura fica esverdeada no fim de poucos dias, tal outra toma no cabelo a côr de vinho tinto, bastante desagradavel aos olhos; esta é preta demais, reseca o cabelo, alisa o que é ondeado, faz mais velha a pessoa que a emprega, dá á fisionomia um ar sevéro e triste ao mesmo tempo.

Trinta anos de experiencia, de estudos, de aplicação deram-me uma certa autoridade para falar nisso.

Nenhuma casa de cabeleireiro, em qualquer país que fôsse, quer na Europa ou na America, atingiu o gráu de perfeição ao da casa Doret, tenho no meu estabelecimento clientes de todas as nacionalidades que atestariam a superioridade de meus metodos de tingir os cabelos, garantindo a inócuidade absoluta de meus produtos. A's pessoas que não possam vir ao meu estabelecimento, ás pessoas longe do Rio de Janeiro, recomendo nunca tingirem os cabelos de preto; é melhor acastanha-los que colorir o branco de preto. Isso, além de ser mais natural, mais facil será, mais higienico.

Recomendo a todos o fluído Doret para acastanhar ou alourar o cabelo, este produto é dez vezes menos forte que a agua oxigenada, não queima os cabelos e é um excelente desinfétante.

Para recoloração do cabelo empregai o meu Henné pure Doret, para obter o louro bastará apenas 5 a 10 minutos de aplicação, para o bronzeado ½ hora, para acajou escuro, uma hora e meia.

As pessoas que quererem escurecer os cabelos para castanho escuro dévem empregar o Tonico Déesse n. 12.

Para qualquer caso particular é bom consultar A. Doret e seguir seus conselhos é uma garantia de bom exito.

A Casa A. Doret recomenda suas manicures, seus produtos incomparaveis para a beleza da pele e cabelos, seus modelos de penteados, estudados para cada pessoa, os cabeleireiros da casa Doret são verdadeiros artistas. Ondulação permanente, Marcel, Misemplis, Soins de Beaute.

A. DORET cabeleireiro — Rua Alcindo Guanabara n. 5-A — Telefone 2-2431 — Rio de Janeiro

Rheumatismo Syphilitico

Ibraulino Ribeiro Bilhalos

"...20 testemunhas, inclusive o medico do 27° Batalhão, aquartelado em Pelotas, Rio Grande do Sul, attestam serem verdadeiras as declarações do soldado Ibraulino Ribeiro Bilhalos, que em extenso documento narra os terriveis soffrimentos (Rheumatismo syphilitico), por que passou na cura conseguida com o "**ELIXIR de NOGUEIRA**" do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira.

"Attesto que as declarações do soldado da 3ª companhia, 1.301, Ribeiro Bilhalos, são a expressão da verdade.

Quartel em Pelotas, 19 de Dezembro de 1918

1° Tenente Medico — Dr. J. Botafogo (Firma reconhecida)

Todas As Senhoras São Interessadas...

E' UMA REVISTA PARA O LAR

A Mais Elegante — A Mais Completa
A Mais Moderna — A Mais Preciosa

Collaborada Pelos Grandes Creadores Da Moda Parisiense

MODA E BORDADO

FIGURINO MENSAL

Ensinamentos completos sobre trabalhos de agulha e a machina, com desenhos em tamanho de execução. Os mais apreciados trabalhos de bordados. Mais de 100 modelos em côres variadas de vestidos de facil execução. Vestidos de noiva, de baile, passeio, luto e casa. Costumes e casacos. Roupas brancas. Roupas de interior. Lindos modelos de roupas para creanças. Conselhos sobre belleza, esthetica e elegancia. Receitas de deliciosos doces e de finos pratos economicos. Vendido em todas as livrarias e bancas de jornaes do Brasil

PEDIDOS DO INTERIOR:

Snr. Gerente de «Moda e Bordado» Caixa Postal 880

RIO

Envio-lhe { 3$000 para receber 1 numero
16$000 » » durante 6 mezes
30$000 » » » 12 »

NOME..................

Ender..................

Cid.................. *Est*..................

OS JAPONESES SÃO DESCONFIADOS...

Os aviadores norte-americanos Clyde Pangborn e Hugh Herndon Jr., que a bordo do avião "Miss Veedol" realizaram um raid aereo a Tokio, através do Atlantico e da Siberia, acham-se presos por terem aterrissado na capital japonesa sem terem obtido a necessaria permissão do governo.

Além disso as autoridades receiam que os dois "azes" norte-americanos tenham fotografado as zonas fortificadas. O Ministerio das Relações Exteriores aconselhou que Pangborn e Herndon sejam tratados com benevolencia.

O "ZEPPELIN" VEM Aí

O dirigivel "Graf Zeppelin" iniciará, no dia 26 do corrente, uma viagem a Pernambuco, levando passageiros e malas postais. A correspondencia destinada ao Rio de Janeiro será transportada a esta capital em um aeroplano especialmente preparado e a endereçada aos Estados do Sul do Brasil, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande será transferida aos aparelhos da Condor Syndicate, que fazem o serviço regular aério.

O "Graf Zeppelin" passará pelas ilhas Canarias ou de Cabo Verde, segundo as condições atmosfericas e deixará cair as malas em Tenerife ou Porto Praia, segundo o rumo que fôr preferido.

A VELOCIDADE DA LUZ

Brevemente ter-se-á determinado precisamente a velocidade da luz. Ao falecer o dr. Alberto Micholson, fisico notorio, deixou quasi completas suas medições, afim de determinar com precisão a velocidade da luz, a mais real das constantes da natureza.

O dr. Francis Pease, do Observatorio do Monte Wilson e o dr. Fred Pearson despenderam perto de cincoenta mil dollares de cano em uma extensão de uma milha, na cidade de Santa Ana, não muito distante daqui.

Terminadas as observações, este comprimento foi rigorosamente medido nas costas dos Estados Unidos, ficando essa medição aos cuidados do Serviço Geodesico.

Centro Baiano 2 de Julho

(THEOPHILO OTTONI, MINAS)

O senhor Olyntho Senna Gomes, 1º secretario, teve a gentileza de communicar-nos a posse da nova diretoria:

Assembléa Geral: — Presidente, Rozendo Pinto. Vice-presidente, Aureliano Aguiar. 1º Secretario, Izidro Nascimento Netto. 2º Secretario, Aureliano Gama.

Diretoria: — Presidente, Benedicto Ribeiro. Vice-presidente, Alberto Sá. 1º Secretario, Olyntho Senna Gomes. 2º Secretario, Francisco de Paula Silva. 1º Tesoureiro, Cassiano Reuter. 2º Tesoureiro, Epaminondas Torres. Orador, Dr. Waldemar Neves da Rocha.

Commissão de finanças: — José Silva Lima, João Peruhype e Antonio Castro Pires.

Commissão de sindicancia: — Joaquim José Santanna, Paulo Baptista e Bernardino Helvecio.

PARA TODOS...

Rio

15 — VIII — 1931

NO AUTOMOVEL CLUB DO BRASIL

A poetisa Anna Amelia e os escritores e artistas que tomaram parte na festa que ela patrocinou

No programa do Automovel Club foram muito aplaudidos Didi Caillet, Sofia del Campo, Gastão Penalva, Jorge Fernandes, Fáfa Lemos, Senhora Rafael Lemos e Mario Azevedo.

A Academia de Arte, fundação do Professor João Rocha, fez a sua apresentação com Carmen Boisson Santos, Alzira Ribeiro, Heros Volusia, J. Octaviano, Oscar Borgeth, Newton Padua e Arnold Gluchmann.

ACADEMIA DE ARTE

A nova casa de São Sebastião

A igreja estílo néo-bisantino, que será inaugurada amanhã, no bairro da Tijuca. A imagem de São Sebastião. Velhos sinos, duas vezes centenarios, do antigo convento do Morro do Castelo. A casa onde moraram os Capuchinhos. Frei Isaias. O claustro da nova casa de São Sebastião.

Os sabiás do ocaso

Por **OSVALDO ORICO**

MUITOS anos depois daquela noite de 13 de maio, quando a cidade era uma aclamação unanime, um louvor unissono ao paladino popular da Abolição, João Marques, advogado dos escravos e companheiro de Patrocinio na madrugada de sua gloria, ia visitá-lo na casa modesta a que se recolhera em seu declinio.

O jornalista sofria as intemperies do destino, rondado pela molestia, pelos desgostos e desenganos.

Residia em suburbio, desterrado da cidade que tanto o festejara, num predio humilde, ao lado do qual ficava o galpão em que a muito custo dava andamento ao seu ultimo sonho — o balão "Santa Cruz".

Essa miragem suavisava-lhe as decepções da fortuna, prolongava-lhe a enganadora esperança, oferecia-lhe o efemero prazer das contemplações; mas voltando á realidade das coisas, não escondia o seu desalento:

— Vês, meu amigo. Eu deveria ter morrido naquele dia. Repara o abandono em que me acho. Eles eram tantos, tantos... Hoje parece que se arreceiam de mim. A miseria faz medo.

— Mas isto é historia antiga, Patrocinio. Cristo quando tinha pão e peixe para dar, via em torno de si cinco mil estomagos a encher, cinco mil bocas a lhe entoarem louvores e dez mil mãos a lhe baterem palmas. No Calvario, quantos eram? Vai contando pelos dedos, que os de uma só mão bastam e sobram. E o outro era branco. E tu... tu, meu caro, és apenas o Cristo negro. O outro era "o filho de Deus". E tu não passas "de um filho de Deus", como nós todos.

— Tens razão, meu amigo. Eu me havia esquecido do Evangelho.

Levantou-se da cama, onde o retinham os padecimentos, e foi á janela contemplar a noite escassa de estrelas. Aquele ceu escuro era como a sua existencia: despovoado de luzes. Como fora belo, entretanto!

Nem um outro iluminara com a prodigalidade de sua irradiação nem com o brilho de seus astros.

O visitante sentia a amargura interior dessa existencia que se consumia entre lembranças de fastigio e ameaças de novas quédas.

Ficou em silencio a olhá-lo e a estudá-lo, adivinhando nas suas expressões o suplicio de quem se reconhece e mede as proprias diferenças, cotejando as fases de gloria e abatimento, de esplendor e desesperança, de ascenção e de sincope.

Gravou a imagem sofredora do homem que não herdou das semelhanças com o seu deus a virtude apostolar da resignação nem a serenidade suprema para o sacrificio.

Naqueles olhos enfermos, de um brilho metalico, naquela voz sumida, que escondia a lamina de cortar grilhetas, naquela mão dolente, que acendera cratéras, o amigo escutava o drama interior dos impossiveis que se rebelam, "das coisas que nunca mais hão de ser".

Despediu-se — um adeus que era uma evocação á alegria dos antigos horizontes — e o tribuno la ficou na morada humilde, vivendo a noite modesta de sua enfermidade, a olhar o firmamento, tão pobre de estrelas...

o

o o

Sitiado pela necessidade, tendo de escrever hoje o café e o almoço de amanhã, nem por isso o desalento atrofiou a sensibilidade e matou a ilusão de Patrocinio. Na alma do emotivo ficou alguma coisa de sentimental e lirico além das provações e dos transes da hora amarga. No calice de cicuta conservou a gota de vinho com que se banqueteara noutras épocas. Anacreonte sobrevivia a Socrates numa festa de sentidos e procurava para esquecer as maguas o conforto da deusa poesia.

Quando o tribuno ainda morava na rua do Riachuelo, um seu compadre chamado Luiz Goulart, mais conhecido por **Garrafa de leite**, que vendia milho no Centro dos Cereais e morava lá para as bandas da Piedade, lhe falava sempre num bardo sertanejo eximio nas cantigas ao violão. Patrocinio que, apesar de haver naufragado nos mares de Apólo, tinha a alma de um autentico poeta, ficou encantado com as narrativas do compadre e mostrou desejos de ouvir o cantador. Cumprindo a promessa feita, **Garrafa de leite** apareceu uma noite em companhia de um tipo baixo e magro, nariz adunco de Cyrano selvagem, que sobraçava um violão traquejado. E apresentou-o á familia:

— Catulo da Paixão Cearense.

Nesse tempo o trovador franciscano do **Evangelho das Aves** tinha a fama circunscrita aos arredores da capital e a sua gloria não transpunha os arraiais da Piedade. Apreciavam-no apenas como "um trovador e cantador de modinhas".

O livreiro Castilho ainda não se fizera o Pedro Alvares Cabral do rapsodo obscuro e não apregoara a "descoberta" do **Meu Brasil, Meu Sertão, Poemas Bravios, Mata iluminada** e **Sertão em flor.** Catulo garatujava literariamente, publicando os seus livros no papel de embrulho da Livraria Quaresma. E os titulos — já se sabe — amoldados ao ritmo da livraria economica, eram perfeitamente modestos e tipicamente expressivos: **Cancioneiro popular, Choros ao violão.**

Quando o poeta cruzou as pernas e pôs o instrumento a gemer, Patrocinio começou a sentir a alegria do encontro. Aquela alma lhe seria preciosa. A vida, que começava a entristecer, a murchar, encheu-se daquela musica tão nossa, vinda da humildade e do misterio. Brasileira, positivamente brasileira, nascendo timida e ignorante de sua beleza e de sua sinceridade. O tribuno sentiu-a. Aquelas cantigas falavam-lhe de velhos amores da raça, de beijos antigos, de cenas que o tempo apagou... E a musica vinha acordar-lhe a memoria dum sono prolongado, levando-o ás selvas e campos, ás lavouras e bosques, toda a paisagem de uma vida que parecia ainda virgem.

E Catulo, com as pernas cruzadas e os dedos batendo sobre os bordões, cantava as cantigas do **sertanejo enamorado:**

"Na minha choça
"Teu escravo sou até...
"Tenho uma roça
"E uma casa de sapé...
"Foi para dar-t'a
"Que a fiz.
"Ai, vivo só para amar-te
"Feliz...
"Nele contigo serei
"Mais que um rei,
"Ah! mais que um rei".

Palmas gostosas, sentidas, de quem bebe a poesia na concha das mãos, tirando-a do regato ou da fonte gorgolejante.

Patrocinio era o mais enternecido. Quando o violeiro arrancava um dó de peito, o jornalista não se continha: interrompia-o com um "bravos", e adiante outro, uma sucessão de interrupções que denunciavam o seu temperamento emotivo e arrebatado.

"Como eu sou rico
"Si floresce o cafesal,
"Nem sei...
"Ah! como eu fico
"Se me cresce o milharal.
"Sou rei...
"Mas fico mudo
"Sem ti...
"Chora tudo, ai! tudo, tudo,
"Daqui!..."

o

o o

Desde a noite em que, pela mão do compadre Luiz Goulart, Catulo entrou em casa de Patrocinio, nunca mais saiu de sua alma. Ficou vivendo na curiosidade e adoração do jornalista. Aquela musica, aquela "lingua" negligente, que não se vexava dos solecismos nem se banhava nas regras da gramática, aquela lingua ruda, barbarizada, impulsiva, irrequieta, aquela lingua falava á sensibilidade bravia de Patrocinio com a intimidade das mesmas origens. Quando os fados, cada vez mais adversos, arrastaram o tribuno para o suburbio, as borboletas da cidade deixaram de voar em torno da roseira que ia murchando. Fugira o aroma das petalas fanadas e das flores caidas. O heroi da cruzada abolicionista entrava, recolhendo-se ao leito para o qual o empurrava a molestia sofrega. Passava as noites no seu casebre suburbano, caçando assuntos para as secções dos jornais que o ajudavam a viver.

Dessa melancolia do ganha — pão diario arrancavam-no, felizmente, as serenatas que se improvisavam no seu lar. Os temporais e os raios haviam destroçado os galhos do jequitibá majestoso: mas para seu conforto e alegria, sobre o tronco padecente e carcomido, ainda se aninhavam os sabiás da mata. Sim, os sabiás da mata vinham doirar-lhe a fimbria do ocaso, tornando menos triste a solidão. Na ultima fase da existencia de Patrocinio, tres boémios, conhecidos como "irmãos da opa", e para os quais a vida tinha a irresponsabilidade de uma trova, procuravam sempre o casebre do Engenho de Dentro para aí deixarem um pouco de musica afetuosa. Eram eles: o Irineu, "um mulato gordo que, quando cantava, fechava os olhos empapuçados, de que lhe escorriam lagrimas"; o Luiz de Souza, "piston que do agudo instrumento tirava sons de flauta e de violino"; e Mario Cavaquinho, famoso em todas as serenatas dos suburbios. O "terceto" compunha-se... de quatro. Catulo cantava. Cantava e "era uma cigarra embalando outra cigarra na tormentosa estação".

(Do livro "O Tigre da Abolição")

O HOMEM QUE JOGAVA COM O DIABO

POR DURVAL MARCONDES

DOS "DRAMAS DO RAM-ME-RAM"

O HOMEM devia ser feliz. E' uma injustiça que não o seja, está claro. Mas está claro tambem que a culpa não é minha: Alguem, algum artista, que precisava divertir-se, inventou a dúvida para vêlo sofrer.

A vida é uma sucessão de encruzilhadas. Ao destino pouco importa que um homem siga o caminho das rosas ou o caminho das urzes: ambos o levam á morte. E' de lamentar-se que, sendo a morte o ponto convergente de todas as existencias, não haja para lá uma avenida unica bem asfaltada e iluminada, com transito livre para todos os veículos. Seria de uma grande utilidade. Isso, porém, é com S. Ex. o Prefeito do Universo. E eu não tenho influencia política para convencê-lo.

A humanidade só se empolga com as cousas que têm o sêlo do Infinito. Só as cousas carimbadas pelo Além é que a impressionam. E o jogo é uma delas.

Eu acho pecado fazer-se campanha contra o jogo. Porque o jogo é arte.

Os jogadores são verdadeiros artistas. Mais do que os poetas. Mais do que os musicos. Mais do que os pintores. Porque são êles, os jogadores, que melhor reproduzem a vida.

Deante do pano verde dêste mundo, ouvimos dentro de nós uma multidão de vozes, que chamamos instintos, e que nos gritam desesperadamente:

— Joga no 19 !

— Não ! Agora dá o 26 !

— Olha: não desprezes o 15 !

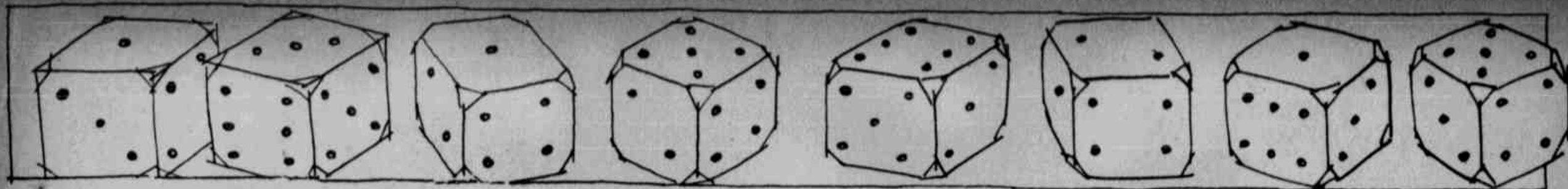
Ha homens que não têm sorte no jogo da vida: Jogam no amor e dá o odio. Jogam na verdade e dá a mentira. Jogam na virtude e dá o pecado. Jogam na esperança e dá o desengano...

Eu conheci um dêles: Era Carlos Alberto de Oliveira.

Carlos Alberto de Oliveira era um sedento de felicidade. Vivia pelos seus ideais. Quando eu o conheci, passava os dias entesourando sonhos. Dentro daquela figura franzina de rapaz palido e nervoso agitava-se o maior tumulto de ambições que um homem possa têr. Era um obcedado pela ventura. Era uma vontade moça e forte que a *iara* da vida tinha fascinado. Era proximo portanto o seu mergulho.

E assim se deu: Encontrei-o, numa tarde, no "Bar Viaduto", mais pálido do que nunca, olhos encovados e cabeleira revôlta. Sentei-me a seu lado. Entre dois chopes vieram as confidencias. Ouvi suas desditas. Nem era preciso que as contasse: mesmo que se arrisquem grandes somas quem sái ganhando é quasi sempre o banqueiro.

Carlos Alberto convencêra-se da inutilidade da vontade. Tinham-se afrouxado de todo os seus musculos da alma.

— E agora, falou êle, a inteligencia a dansar-lhe nos olhos, agora eu sou um homem prático. Sigo a lei do mínimo esforço. Como já lhe disse, a vida nada mais é que um jogo de baralho. O diabo guarda uma carta e nos dá as outras. Nós temos que escolher uma destas, pô-la sôbre a mesa e gritar: vejo ! Só então é que o diabo descobre aquela que tinha escondido. E' inutil querer conhecê-la antes. E' baldado torturar-se a inteligencia para tentar adivinhar o que não é permitido adivinhar-se.

Por isso eu tenho agora uma resolução mais pronta. Não vacilo mais, como antigamente, á beira de minhas dúvidas. Acabou-se o período das hipoteses...

E, tirando do bolso um dado pequenino, de um marfim mais pálido que o de seus dedos, acrescentou, com uma réstea de ceticismo a pairar-lhe nos lábios:

— E' êle que me resolve tudo. Quando tenho agora uma estrada dupla aberta deante de mim, não faço o que fazia dantes. Sei poupar o meu tempo e as minhas energias: o meu dado resolve tudo.

E despediu-se de mim.

* * *

A Biblia diz que Deus foi que inventou a mulher. Um poeta, pessimista como todos os poetas, disse que foi o diabo. E foi sim. Seria ofensa atribuir-se a Deus tamânha maldade. Deve ter sido mesmo o diabo: Achando poucos, para seu deleite, os enigmas do universo, creou ainda êsse que é o mais torturante de todos.

Carlos Alberto, coitado !, o homem dos problemas, achou-se de repente deante do terrivel problema. Como todo homem acima do medíocre, êle amava tambem espiritualmente...

E queira fazer o impossivel: queria resolver essa charada tremenda que já por natureza não tem solução alguma.

Êle ignorava que o unico meio infalivel de compreender-se a mulher é considerá-la *a priori* como um problema sem sentido, armado pelo demonio, e por isso mesmo insoluvel.

A tão falada complexidade da psicologia feminina é apenas aparente. E' puro fogo de artificio da pirotecnica infernal. A brilhante imaginação dos homens inteligentes é que a faz prodigiosa. No fundo, feita por quem o foi, ela é a cousa mais simplória e rasteira dêste mundo.

Carlos Alberto, temperamento impulsivo, não compreendia nada disso. E por isso é que Marina o fez sofrer. Com seu espírito audaz e extremado, êle quis, de um golpe, descer até o fundo dos sentimentos de Marina. E não achou mais do que podia achar: achou que era um infeliz.

E o maior dos dilemas apresentou-se então, firme e categórico, deante dêle: ou entregar-se perdidamente á mulher que êle adorava, para servir de capacho ás suas vaidades, para ser pisado pelos seus caprichos, para humilhar-se, para enraivar-se, para torturar-se, ou, então, cousa mais decisiva, fazer de uma vez saltar á bala seus miolos.

A terceira hipotése, viver sem ela, é que era de todo impossivel: áqueles encantos êle já tinha assimilado de todo seu ideal. Amava até os seus defeitos...

Carlos Alberto estremeceu então entre essas duas amantes mudas e terriveis: a mulher e a morte !

Era inutil pensar. A mão agitou-se, o dado rolou e resolveu tudo: Resolveu pela mulher.

Foi ter com Marina. Disse-lhe tudo. Pediu-lhe tudo. Implorou-lhe tudo. Ela não quis aceitá-lo. E ainda achou graça nêle.

O diabo ganhára aquela cartada...

Voltou desvairado. Agora estava perdido. Só havia mesmo uma solução: era matar-se.

Entrou no seu quarto. Empunhou o revólver...

Mas se esperasse um pouco? Quem sabe se ela se arrependeria? Quem sabe se ela viria a tornar-se doida por êle? Quem sabe se êle a esqueceria? Quem sabe?...

E voltou a dúvida.

Tornou-se ainda mais agitado.

As idéas sarabandavam-lhe em tôrno.

Falava sózinho.

Os minutos angustiosos passavam, cada vez mais ofegantes.

Súbito, pelo soalho, o dadinho rolou de novo, rindo um riso feliz nos seus olhinhos pretos...

Deu a morte.

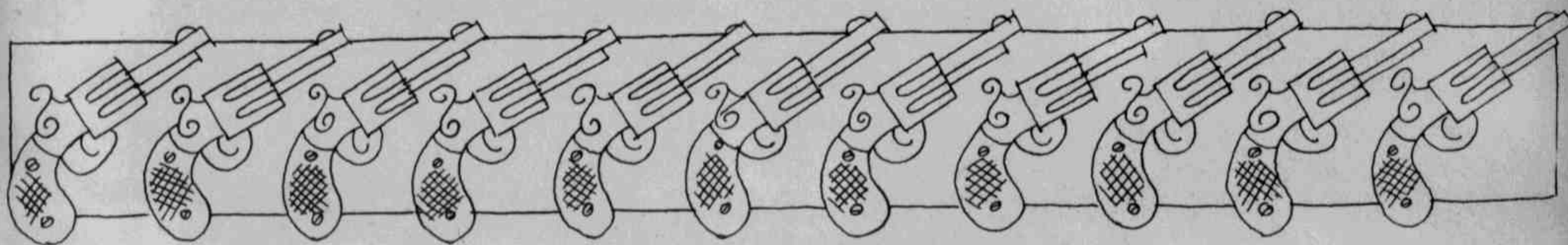
Houve uma detonação.

* * *

Mais tarde, soaram passos de mulher no corredor.

Era Marina. Resolvêra dobrar o seu orgulho. O seu amor por Carlos Alberto era afinal mais forte que seu orgulho. Era preciso acabar com aquêle prazer sádico de fazê-lo sofrer. Era preciso confessar-lhe tudo. Era preciso abraçá-lo. Era preciso beijá-lo...

O diabo ganhára ainda aquela cartada...

ILUSTRAÇÃO DE PAIM

ANALISE ESPETRAL DA MALANDRAGEM

HERMAN Keyserling, na sua reportagem filosofica do mundo, passou pelo Rio como um cometa vertiginoso.

Tinha pressa de chegar ao velho continente, que estudava comparando ao antigo e ao novissimo para que a sua "Análise Espetral da Europa" não fosse falha de bases e de induções.

Extraordinario, porém, é a fascinação desse brumeliano cerebral pela frivolidade das musicas populares, onde êle encontra sombra e doçura para conversar sobre o itinerario da humanidade.

E os seus olhos azues pequeninos, que lembram vitrais iluminados de velha igreja, melancolizam a paisagem universal, fazendo prever no seu estranho desencanto, uma opinião intima em desacordo com a expressada.

Para Keyserling a materialidade e o superficialismo ocidentis não são tão absorventes, como se diz.

Mas então por que, demarcando "a originalidade da linha portuguesa no espetro europeu", a sua análise, como a de um "tourist" displicente só ouviu e sentiu o encanto das guitarras?

Êle proprio, sem sentir, pilotando o avião do neo-espiritualismo, contradisse as suas razões planando a pouca altura — traido pela sedução de inclinações que transparecem a todo instante — para que os seus olhos azues pequeninos conseguissem divisar cá em baixo o jardim das emoções tranquilas cultivadas no anonimato pelas raças.

Porisso eu tive pena que o conde Herman Keyserling passasse pelo Rio, como um cometa vertiginoso.

Presuma-se o que sob o manto do prestigio filosofico do encantador imaginario o mundo não ficaria sabendo do samba, quando êle, confessa, naquêle livro, evocando os fados que escutara na terra portuguesa:

"Foi um dos acontecimentos mais significativos da minha vida, o ter ouvido essa musica...

E a análise espetral da malandragem?

Seria de certo o proprio estudo do tipo nacional.

Porque, assim como na alma do hespanhol ha sempre um pouco de Don Quixote; no espirito gaulês, panejam as calças ironicas do "gavroche" e no do alemão ha a perspetiva de uma caricatura do "Simplicissimus", nos brasileiros temos ca dentro, irremediavelmente, uns fortes traços de malandragem.

Mas no bom sentido da palavra. Vivemos "esperando na volta".

Ninguem "estrila".

Pra que? Não vale a pena. Nós ficamos na esquina...

Essa paciencia nacional que põe um "aguarde a oportunidade" em todas as "diferenças", o que é senão pura malandragem?

Faça-se uma ligeira investigação na história patria e veja-se o que sái.

A implantação da Republica, por exemplo, é um caso tíyico. Deodoro sái da cama com dores nos rins para, segundo lhe disseram, exigir a demissão do gabinete Ouro Preto.

Benjamin e Floriano, cozinheiros do movimento, quando apanham as barbas ornamentais do marechal em cima de um cavalo, revelam o plano.

— Mas o "velho". Eu sou amigo do "velho".

Era tarde demais e aquela figura de oleografia, ao volver á residencia para pregar nas costas outros sinapismos, deixou feita na cidade, a Republica dos Estados Unidos do Brasil.

Isso foi ou não foi um notavel golpe de malandragem?

Depois, por ai a fóra as figuras marcantes do país vêm vindo, driblando a gente.

O dr. Nilo Peçanha usava até a voz rouca de quem fez na vespera uma serenata puchada.

"Paz e Amor".

Amor! muito amor, principalmente!

Dizer que nós somos do amor é um geito carinhoso de não nos chamar de malandros.

Porque de fato a palavra ainda não está rehabilitada.

No picadeiro politico do país só dá gente que caminha gingando, "aparando" golpe.

A capoeiragem mental desapareceu, mas ficou aquilo que se chama no "argot" do morro um geitinho maneiro e na giria cá de baixo, habilidades.

No morro, o malandro usa terno branco, chapéu de cinza claris simo, lenço ao pescoço e tira sambas.

Aqui no asfalto, êle tira um diploma, usa colarinho e faz politica.

Mas conserva sempre a alma musical do outro e as suas atitudes são na vida as mesmas do bailarino de salão; espetaculosas e, ás vezes, quasi interessantes

A questão está em saber apreciá-las, pegar o detalhe.

Aliás, nisso, como em quasi tudo, o encanto está em saber divisar o pormenor.

Viver no sentido geral todos vivem...

A revolução de Outubro, por exemplo, oferece a um analista bem humorado, recantos de panoramas espirituais perfeitamente admiraveis para estudos.

Sobretudo porque através de poucas personalidades seria possivel o levantamento da topographia de uma época.

E desde logo se distingue no espetro global da agitada hora que vivemos, a linha malandra dos seus dirigentes.

Os que sairam estão esperando os outros na esquina.

Não importa que ela esteja localizada em Paris.

De qualquer modo estão na esquina...

O que parece, entretanto, é que êles vão cansar de esperar.

Porque os de cá — peço licença para dizer que tenho por êles uma simpatia imensa — tambem sabem requebrar o passo...

Da semana que passou

A Senhora Getulio Vargas deu, no Palacio Guanabara, a sua segunda recepção dêste inverno ao Corpo Diplomatico Estrangeiro e á Sociedade do Rio de Janeiro.

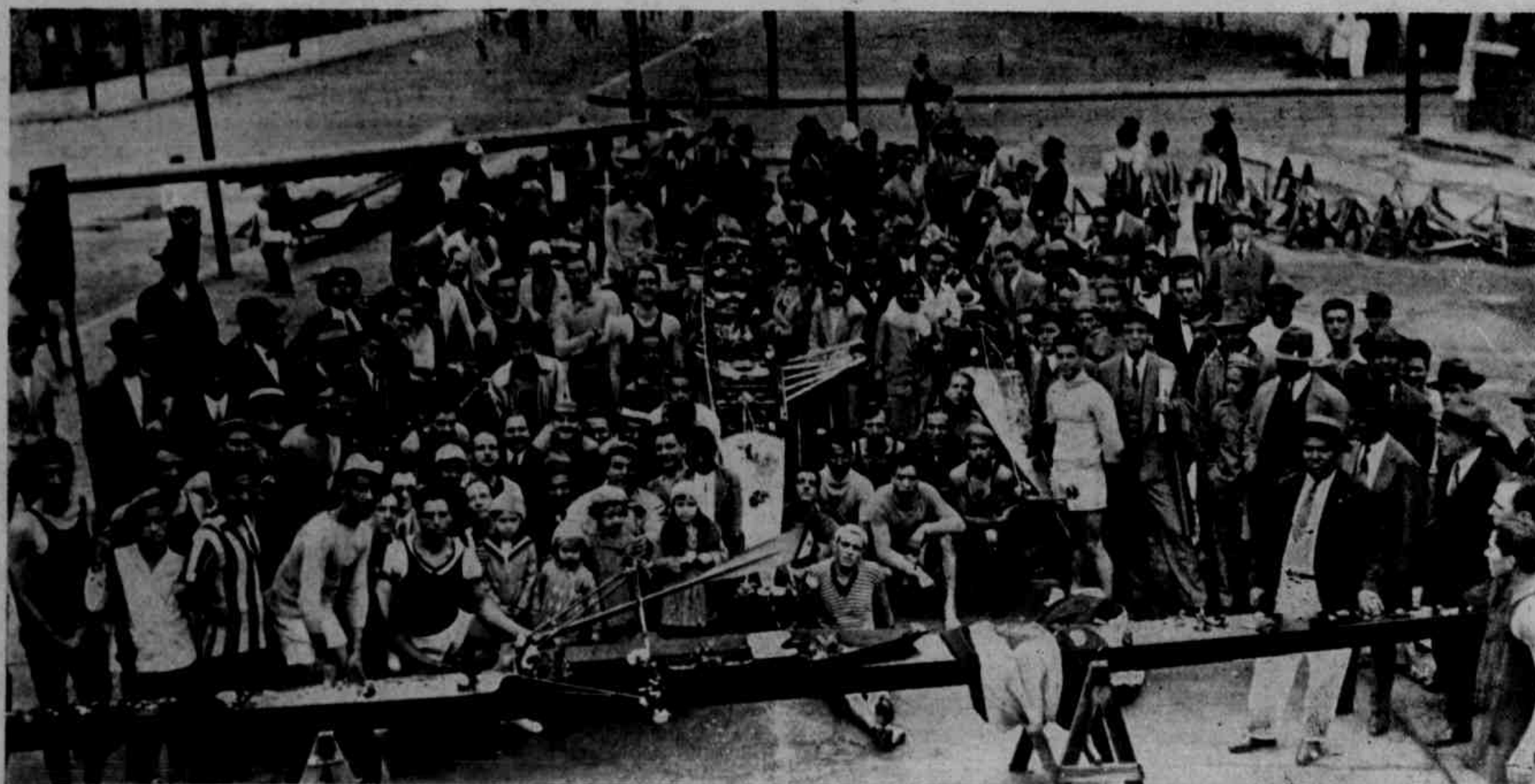
Os amigos de João Alberto reuniram-se em tôrno dêle, no Palace Hotel, para um almôço de regosijo pela sua atuação como Interventor Federal em São Paulo.

No Club Naval, o Ministro da Marinha ofereceu um almôço aos aviadores do Uruguay que vieram ao Rio, na volta da nossa esquadrilha aerea.

Entre a gente esportiva

Durante o baile do America Football Club que se realizou no salão da Associação dos Empregados no Comércio

Jogadoras de Voley-Ball do Colegio Icaraí e do Ginasio Bittencourt, Niteroi.

Alunos do Colegio Icaraí que tomaram parte nas provas de domingo passado.

Batismo dos novos barcos do Club de Regatas Vasco da Gama

MARLENE DIETRICH

DE ALVARO MOREYRA

ISTO de viver está muito espalhado. Entretanto não é facil. Por dentro, a gente se arranja, cada qual vai indo como póde. Por fóra é que é o diabo.

O cinema, graças a Deus, trouxe exemplos bons, feitios agradaveis. Mais para as mulheres do que para os homens. Os homens conseguiram Carlito, a quem já chamaram: cidadão do Universo. Mas, Carlito, imagem exterior, não é um figurino, é um estado d'alma. As mulheres são mais felizes. Não lhes têm faltado fôrmas. E que fôrmas!

Francesca Bertini... Lembram-se? Epidemia. Pegava que não era brincadeira. Quando grassou, não havia outras mulheres no mundo, só havia Francescas Bertinis. Mais baixas, mais altas, mais gordas, mais magras, brancas, pretas, vermelhas, amarélas, unanimemente com a mesma boca mordendo-se, as mesmas mãos nos mesmos cabêlos, a fatalidade igual. Na Europa, na Asia, na Africa, na America, na Oceania. Passou.

Veiu em seguida a epoca de Theda Bara, caça da véspera conserva de mulher. Não foi molestia, foi moda. Ela olhava as vitimas, do fundo das olheiras colossaes; possuia um corpo aflito, punha em cima do corpo coisas mefistofélicas, dava azar. Usou-se muito.

Então, as fitas dos Estados Unidos derramaram pela terra inteira os modelos de depois da guerra, pessoal esportivo, turma do "flirt" largado, "team" do amor campeonato. Dansas, passeios, complicações, várias lagrimas, alguns murros, diversos automoveis, um bruto beijo no final, pronto: a felicidade. Clara Bow e Companhia. Sistema americano. Nada além de dois mil réis. Freguezia de parar o transito.

As exceções resvalavam. Quem se recórda do "Lirio partido" e de Lilian Gish?

De repente, surgiu Greta Garbo! Mulher feminina... Escandalo na rua! Os rapazes não compreendiam. Os senhores matavam saudades. As pequenas diziam: "Nossa Senhora!" As senhoras ficavam caladas. Começaram as cópias.

Porém um dia, no "O Anjo Azul" que chegou de Berlim, chegou Marlene Dietrich. Ein?! De novo, em "Marrocos" que chegou de Hollywood, chegou Marlene Dietrich. Quem!? Marlene Dietrich. Asta Nielsen de 1931, diferente de Asta Nielsen como é diferente de Greta Garbo. Sem roupa, sem pintura, com um geito que a continúa no ar, uma voz cansada de toda a vida e que ainda canta "Quand l'amour meurt"... Menina e velha, misteriosa e escancarada, instintiva, verdadeira. Mulher ao natural.

Agora é que eu quero vêr...

UMA PAGINA DO MEU DIARIO

DESDE o dia luminoso da minha primeira comunhão, quando tracei, com mão tremula e feliz, as primeiras linhas, habituei-me a deixar periodicamente, em meu velho diario, todas as minhas impressões.

Horas a fio, debruçada sobre êle, narro-lhe, — amigo fiel, que não me traírá e me ouve com unção — as maguas, os desalentos e as fugitivas alegrias que me reconfortam. Distancio-me, assim, do ramerrão insidioso dos dias interminaveis da roça.

Traço esta pagina intima, convicta de que é a mais amarga das que tenho escrito até agora, e, ante meus olhos embaçados, as letras dansam, á cadencia macabra das lagrimas.

Vóvó morreu! Nunca mais hei de ouvir-lhe a voz mansa e querida, narrando-me, emocionada, passagens da sua longa vida, terminada ha pouco, como um élo partido, com violencia.

Vendo vazia a banquinha onde ela se sentava, a tecer, com mãos de fada crivos de uma perfeição maravilhosa a sala de jantar me parece enorme como um mundo.

Vêm-me á memoria os dias já vividos. Vejo-a, ali, como ha um ano atrás, trabalhando. Com voz branda, fala-me dos tempos que não voltarão, narra-me a primeira viagem ao Rio de Janeiro, na diligencia, que fazia o percurso daqui, á Côrte, em cinco dias.

Saltei, escandalizada: A sra. foi? Deus me livre! Ter-me-ia deixado ficar em casa, sossegadamente.

— Você diz isto hoje, minha filha, que, sahindo daqui, cedo, almoça-se, descansadamente, em Petropolis, e desce-se ao Rio, muito a tempo de flanar na Avenida. Mas naquêle tempo, a viagem em diligencia era uma diversão, até. Gente que ficava no caminho, gente que embarcava; as mudas, com parada obrigatoria, onde atrelavam novos animais, descansados. Pernoitava-se nas estalagens, onde o hoteleiro, atencioso, dispensava amabilidades a todos e onde o jantar, bem feito, apetitoso, era servido em longas mesas, cobertas com toalhas alvas....

Vivendo intensamente, a essa evocação, a mão parada no ar, num ponto inacabado, noto-lhe o extase da fisionomia.

— Estou até sentindo o cheiro dos maniares, a me fazerem mossa, caspitè!

— Mais tarde, continúa ela, sem dar atenção a meu áparte intempestivo, graças ao grande benemerito mineiro, Marianno Procopio, foi construida a União e Industria, e as viagens tornaram-se mais rapidas. Fui muitas vezes da fazenda á Côrte, em quatro dias.

Pensando nesses quatro dias de "viagem rapida", eu sentia a poeira da da estrada, os solavancos do veículo, as conversas aborrecidas dos viajantes suarentos. Invadia-me um desanimo formidavel, esquecida de que, comodamente sentada, cosía a roupa das crianças.

Nesse instante, como um turbilhão, entra correndo meu filho menor, e atira-se estouvadamente ao colo de Vóvó.

— A sinhóla zá acabou, madrrinha, diz-lhe, na sua lingua taramelada, carregando muito nos érres.

— Cuidado, meu filho, que se espeta na agulha!

—Vem vê, madrrinha, ti beleza! Hontem mamãe pendeu no ninho uma galinha sóca em cima dos ovos e hoze ela botô uma pução de pintinho!

Rimo-os á idéa extravagante, e êle, teimoso: Vem, madrrinha, é verdade sim, vem vê!

Vóvó pisa tão levemente como um passarinho e sempre nos surge como uma aparição. Lá vai ela, que lhe faz todas as vontades, ao bisneto e afilhado querido: o seu "dodóe", noventa anos mais moço do que ela.

No cercado das galinhas, ouve-se a voz aguda do menino, espantando os pintainhos dourados e macios, apertando-os, machucando-os, sem atender a voz preciosa, que repreende, meiga.

—Vóvó teve dez filhos, não? —interrogo-a, quando ela volta.

— Nove, minha filha: os que você conhece.

— Disseram-me, parentes, que lhe morrera um, de desastre, pequeno ainda.

Ela nega. Insisto. Atordoada, Vóvó cede. Fita-me longamente, e, com a voz embargada, narra-me a cena tremenda, que lhe ficara, indelevel, na memoria. Morrera-lhe, sim, um filho, lindo, sadio e já andando, antes de completar um ano.

Era tempo das colheitas e ía uma grande azafama na fazenda. Meu marido, o Senhor, como o chamavam, estava na roça, fiscalizando o serviço dos escravos. Dia claro, de muito sol, céu sem nuvens, azul e lindo, como é comum aqui, nas nas nossas queridas montanhas. Uma brisa, muito fresca, balançava os galhos das arvores. No pomar, contrastando com o verde o ouro do laranjal, arcado ao peso dos frutos sazonados, a risada rubra e tatalante das asas dos tie-sangue ariscos. Carros chegavam, chiando, modorrentos, carregados do milho que era recolhido ao paiol.

Cativas, fiavam, na varanda, cantarolando velhas e rudes cantigas, aspergidas da saudade dos filhos e maridos, vendidos a outros senhores; ou, mais alto, desfíavam compridas ladainhas, de mistura com rezas supersticiosas, onde se confundiam, arcanjos e sacís-pererês.

Eu e três escravas faziamos quitandas e bolinhos para a hora da merenda, que se aproximava.

Havia muito tempo já, que o pequenito dormira. Quem sabe se acordou, está chorando e não o ouvimos? Digo á ama, a Rosaria, que vá ve-lo.

Ela volta, aflita: "Nhánhá, Sinhôzinho num tá lá não; u berçu tá vaziu".

Não é possivel! Quem tivesse de entrar no quarto, passaria, forçosamente, por onde eu estava e pelas fiandeiras, que não saíram da varanda!

Verificada a verdade, suspenderam os trabalhos, foi uma confusão, um horror! Até as matas foram batidas e o "eito" esquadrinhado. A notícia correu rapida e a fazenda encheu-se de parentes e amigos.

Alguem lembrou os ciganos que passaram na vespera: o menino fôra roubado! Seguindo por atalhos, partiram logo varios portadores, a cercá-los.

— E o monjolo? indaguei, ansiosa. Mas, pensei ao mesmo tempo: ai, êle não iria sózinho, a distancia é grande para suas perninhas tropegas. Depois, ha tambem a pinguela que êle não atravessa. Dirigi-me para lá, logo seguida por outras pessoas e fui achalo, esmagado no monjolo, livido, desfigurado, numa poça de sangue. Agarrei-me ao corpozinho do inocente amado, alucinada, chamando-o, aos gritos, cobrindo-o de beijos.

Houve quem aconselhasse meter os escravos no tronco; que sofressem todos: o culpado confessaria!

Defendi-os: não fizessem isso; não foram êles. Foi um Anjo do Senhor, que viera, sem ser visto, e levara a criancinha, para evitar-me, no futuro, uma dor ainda maior.

Notando-lhe a voz sumida e o rosto transtornado, caí-lhe aos pés, apertando-lhe, nas minhas, as mãos cheias de rugas.

— Perdôe-me, Vóvó! Fiz sangrar a ferida da sua alma, que 70 anos não bastaram para cicatrizar! Eu não sabia que fôra assim!

— Ha fatos, minha filha, aos quais não nos referimos, e que, não nos sáem do pensamento, a toda a hora, a todo instante, sempre, sempre, sempre!...

Permaneceu calada, muito tempo, transfigurada, os olhos gastos pelo pranto e pelos anos, fixos, como que presos a essa passagem dantesca da sua vida! Respeitei-lhe o silencio, comovida.

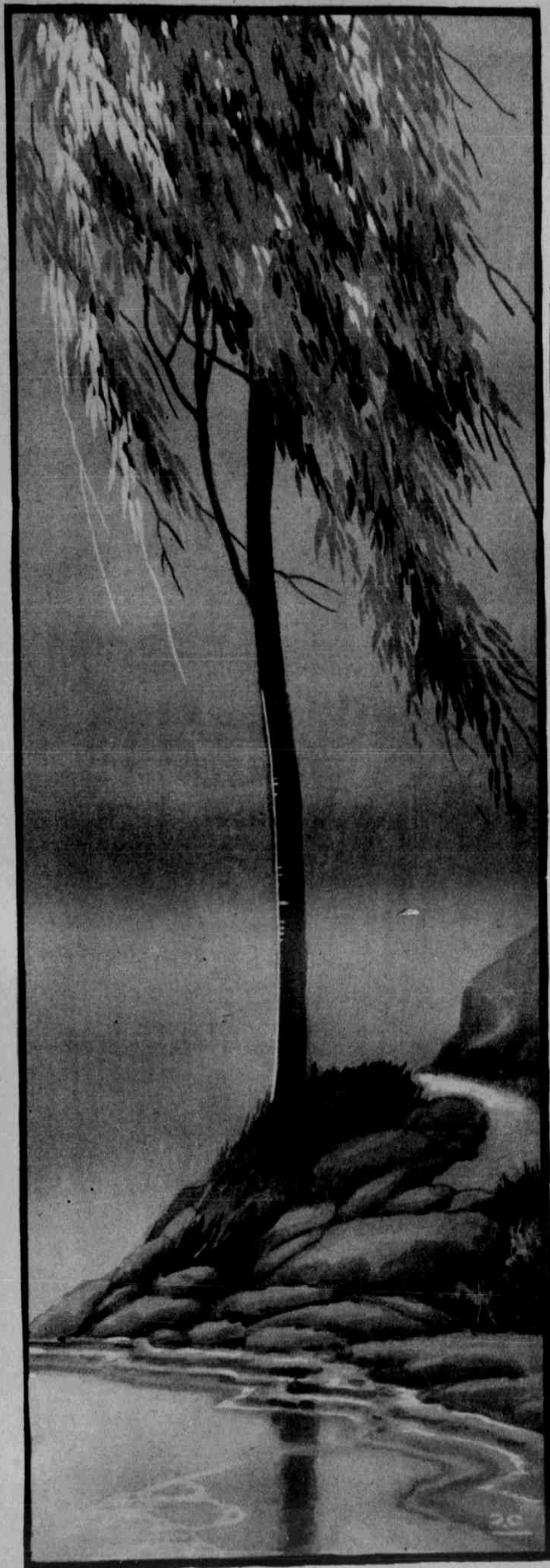
— Foi um Anjo do Céu que o levou, disse ainda. Crescidos os outros filhos, desgostos não me faltaram, convencendo-me disto. E' muito certo o ditado: "Filhos criados, trabalhos dobrados". E' o Destino, ao qual não se pode fugir, e Deus determinou fosse o meu!

A banquinha está vazia, e, inacabada, uma toalha de crivo, primoroso, que ela desejava terminar, quando voltasse.

Nunca mais Vóvó ha de voltar!

Guardarei o trabalho incompleto para não macular com a minha inhabilidade a perfeição do seu lavor de mestra. No amago, na parte que só se mostra a Deus, viverá insubstituível a imagem querida; e, como um marco da nossa raça, o exemplo profundo de virtude da sua vida corajosa e digna!

Santa, querida Vóvó!

MARIA SYLVIA

A ARVORE DA ESTRADA

Arvore! Quem dirá, vendo-te o talhe esguio,
Que não foste mulher um dia? Quem dirá?
Nos teus cabelos quando passa o vento frio,
Que saudades de amôr não te despertará?

Vendo-te em refração dentro da agua do rio,
Sinto que a tua sombra humana dormirá
Embalada na voz do eterno murmurio
Da agua fresca que o teu destino embalará.

Arvore! Na aflição que o teu silêncio encerra,
Sendo noiva do sol, sendo filha da terra,
Não canta em tua fronde um pássaro siquer.

E's um vulto que emudeceu na distancia e
mais nada.
Mas os tropeiros, quando passam pela estrada,
Olham-te como se ólha um corpo de mulher.

OLEGARIO MARIANNO

Hora Crepuscular

ALVARO KILKERRY

Ha uma grande sedução perigosa naquilo a que chamava Gœthe a piramide da existencia. Os espiritos dominados por essa fluida e subtil tendencia a uma vida cheia de ritmo e harmonia deformam facilmente a realidade, quando não são por ela a cada passo contidos nos seus vôos atrás dessa grande Ilusão

Existe porventura uma certa relação entre todos os elementos indistintos e impercétiveis que se agitam no fundo de cada qual de nós e o mundo exterior, e é uma grande sabedoria procurar acomodar os nossos pensamentos á tonalidade e ao som de cada instante, contanto que não se queira mais do que êle póde dar.

A vida não perderá a sua significação simplesmente porque não podemos renová-la perpetuamente, e essa amargura estranha que o coração sofre ás vezes de um cerrar tristonho e lento de palpebras de desilusão tem tambem energias redentoras.

Franjando-nos a alma de uns longes de melancolia, êle nos dá tambem uma grande serenidade ao espirito, e ao sorriso uma ironia leve pelo pungir mudo do destino.

E por que nos debruçarmos sobre o tantalizante vale do passado?

Uma a uma, as melhores esperanças vão ressurgindo para dissolvente caricia da saudade.

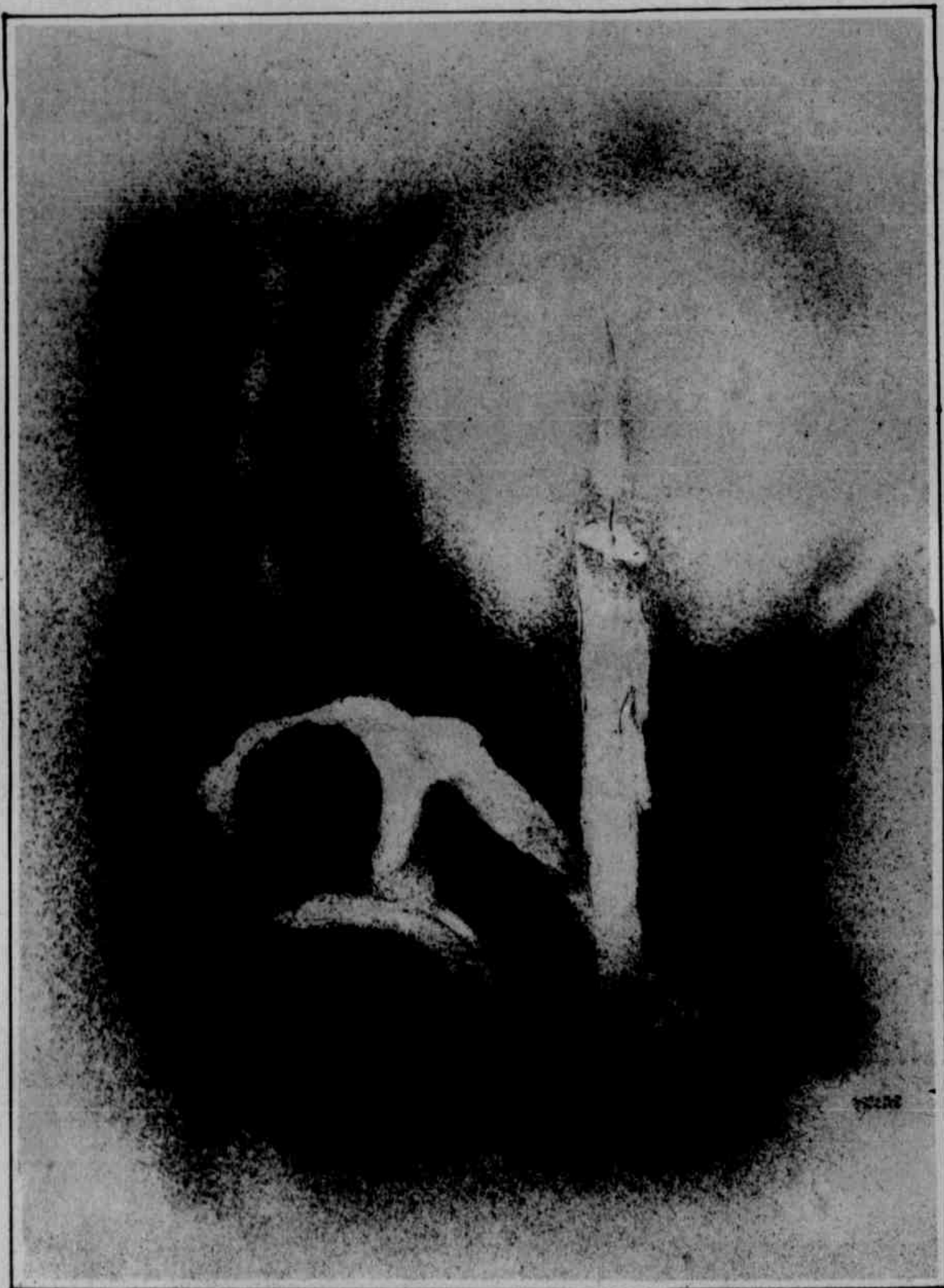
Estiramos medrosas e tremulas as mãos, para a ternura dêste sorriso, a doçura daquêe olhar:

Rien! Vous ne trouverez rien
Sous les doigts... Il échappe, Illusion.

E vai-se espelhando nas evocações dos momentos transcorridos o melhor de nós mesmos, numa perspétiva limitada de horizontes vazios...

Sol apagado, o nosso entusiasmo, vai rolando para o sem fim da renuncia e do nada!

Um grande sonho despedaçado agora, uma grande magua triunfal a solução energica da mocidade!

Ha um grande perigo sedutor na construção da piramide da existencia.

Vida...

Desenho de Sotero Cosme

De um sabado a outro sabado

Recepção na Legação da Bolivia
Ao centro: no chá da Pequena Cruzada

Em baixo: chá oferecido o arquitéto Lucio Costa que está ressucitando a Escola de Belas Artes.

Antes do almôço com a qual os amigos do Dr. Afranio Costa festejaram a sua nomeação para juiz.

No Colegio Icaraí, de Niteroi, quando foi entronisada a imagem do Sagrado Coração de Jesus.

No salão da Senhora Jorge Abreu, quando foi a sua festa de aniversario. Houve uma hora de poesia em que tomaram parte, com alguns escritores de Niteroi, a poetisa Else Mazza Nascimento Machado e os poetas Murilo Araujo e Silvio Julio.

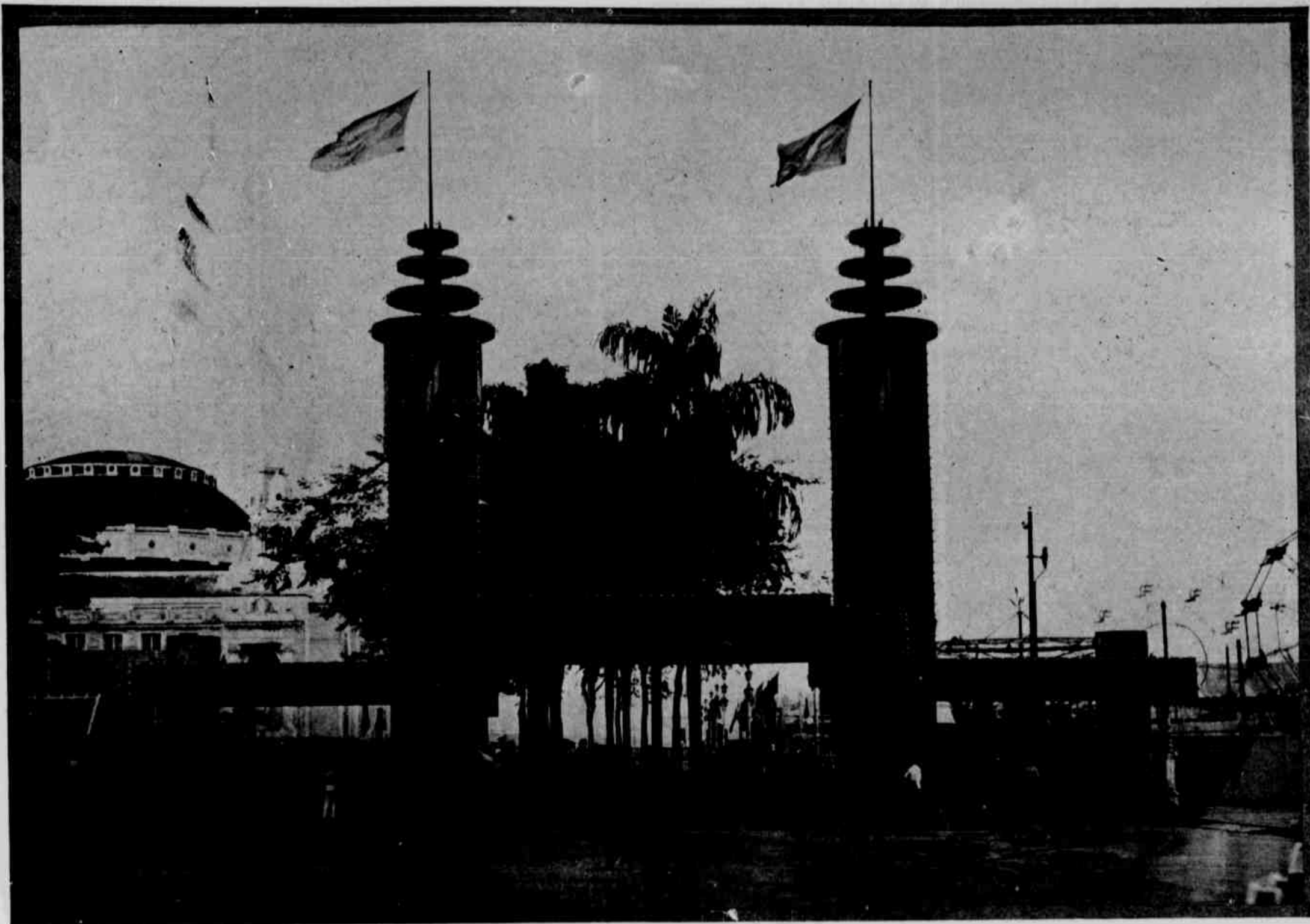
Teatro

O Trianon tem em cena desde terça-feira a peça "A Ultima Conquista", de Renato Vianna. Mais um exito notavel da temporada brasileira de Procopio. Renato Vianna, afastado do palco desde aquela tentativa da "Caverna Magica", voltou vitorioso. Toda a Companhia do Trianon trabalhou com bôa vontade na apresentação da "A Ultima Conquista". O cenario, os arranjos, os moveis foram desenhados por Lula, o mais novo e o melhor dos nossos decoradores. Procopio está certo, acreditando no que os outros não acreditam. Peças de escritores são sempre diferentes de peças de autores... E os artistas modernos entendem mais de cenografia do que os velhos mestres, otimos para os prestitos de terça-feira gorda, porém completamente prejudiciais aos olhos das pessoas que vão aos teatros... Aos olhos e ao resto...

Beatrice Bretty

Ela veiu ao Rio pela primeira vez, escapada da Comedie Française. E' uma artista fina, interessantissima. Êle já esteve aqui. E' otimo. Estréam em Outubro, no Municipal.

Ernest Ferry

Procopio Ferreira na comedia "O segredo de Prospero", um dos grandes sucessos dêste ano, no Trianon. Desenho de Lula

Entrada principal da Feira Internacional de Amostras, uma das curiosidades dêste ano, pelo seu estilo futurista

A FEIRA INTERNACIONAL DE AMOSTRAS DO RIO DE JANEIRO

O comparecimento dos nossos industriais e comerciantes á Feira Internacional de Amostras, ora instalada nos terrenos da antiga Exposição do Centenario, na fase em que o País atravessa uma crise sem precedentes, é, sem dúvida, uma demonstração cabal da pujança e da vitalidade do comércio e indústria brasileiros.

Atendendo ao apêlo da comissão organizadora dêsse grande certame, comissão que é orientada e presidida pela alta capacidade e pelo espirito empreendedor e de larga visão do Dr. Adolpho Bergamini, prefeito-interventor do Districto Federal, os nossos industriais e comerciantes, sem medir sacrificios, trataram desde logo de prestar sua valiosa colaboração ao grande empreendimento, instalando no recinto da Exposição os seus magnificos "stands". Assim é que toda a pujança e toda a grandeza da indústria brasileira; toda a poliforme e magestosa grandiosidade do comércio indigena, estão condignamente representados nas dezenas e dezenas dos "stands" que embelezam os pavilhões da Feira de Amostras dêste ano, numa demonstração inconteste das forças vitais da Nação, confiante e orgulhosa da sua indústria e comércio.

Dr. Adolpho Bergamini, Interventor do Distrito Federal, a quem tanto deve o Rio de Janeiro pela beleza da Feira de Amostras dêste ano.

O Dr. Adolpho Bergamini, interventor do Districto Federal, ao lado do Dr. Getulio Vargas, Chefe da Nação e sua Exma. esposa, os Srs. Ministros da Guerra, Marinha, Trabalho e Agricultura, e outras pessoas gradas, no dia da inauguração da Feira de Amostras do Rio de Janeiro.

A Quarta Feira Internacional de Amostras inaugurada ha pouco pelo Chefe do Governo Provisorio, tem sido visitada diariamente por uma verdadeira multidão, o que constitue um verdadeiro *record* em se comparando aos anos anteriores.

Todos os ramos da atividade industrial e comercial, cujos produtos constituam uma utilidade de compra ou venda, necessitam de ser mostrados ao público, e, raras vezes, encontrarão uma oportunidade tão real quanto as Feiras de Amostras, que, verdade seja dita, de ano para ano vêm mais se sobresaindo, não só pela enorme concurrencia de expositores que surgem de norte a sul do país, como pelas diversões que aí se encontram, sem similar no Brasil.

O que se vê na Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro, patenteia bem o quanto já conseguimos de material em todas as classes de serviços públicos, o que é a nossa industria e comércio e a necessidade que temos dessas exposições anuais nesta Capital.

O Chefe do Governo Provisorio, Dr. Getulio Vargas, Ministros de Estado, Interventor Federal e outras autoridades no "stand" TELEFUNK, afamada firma de apparelhos de radio.

STAND DOS LABORATORIOS
SILVA ARAUJO
SILVA ARAUJO & CIA. LTDA.
SILVA ARAUJO & CIA
1871
RIO DE JANEIRO
SILVA ARAUJO & CIA
1871
RIO DE JANEIRO

Variações sobre Carlito

Carlito é a tragedia da inadaptação. Na vida êle está sempre fóra do logar. Não tem logar ou, se tem, não o encontra. Vive em falso. Onde procura prazer ha travor. Tudo lhe sai ás avessas, seja bem seja mau sempre errado. Quando os outros acham que êle acerta, positivamente errou. Entre êle e os "outros", um abismo. Êle, fraco, pequenino, miseravel, ridiculo. Os "outros" poderosos, fortes, ricos. A contradição o humilha, Carlito fica subjugado e admira os "outros", respeita-os inutilmente. No fim, o irremediavel ponta-pé. Quem são os "outros"? dois simbolos — o policia e o homem forçudo. Carlito os sauda com a cartolinha, mas nunca é visto. Leva sempre na cabeça. Sofre, mas vai embora, meio triste e meio indiferente, pés espalhados, pela vida afóra.

✣ ✣ ✣

Vagabundo e melancolico, Carlito quer ser alegre, deseja a felicidade. Não sabe bem que coisas são essas, devem ser aquela menina loura que o fascina, mas nunca possuirá. No fim da fita, logrado sempre. Continúa, mas continúa cada vez mais infeliz. A vida, só seria bôa se não houvesse o policia. Mas as cidades são policiadas e têm tambem outros inconvenientes — os boxeurs, os homens fortes, os donos de circo, todos os que mandam... Horrivel a contingencia. Depois, outra cousa mal feita é terem os homens estomago. Maldito e exigente orgão, que não tem piedade e nunca sabe quando está no vagabundo ou no milionario. Carlito não pode vencer. A sua inteligencia tem golpes certos, de esperteza e vitorias passageiras. Mas, no fim, tudo errado e seria preciso passar a limpo. Impossivel e fica errado mesmo.

✣ ✣ ✣

Carlito não se corrige. Tambem para que? Êle possue, nos grandes sapatos, na cartolinha, na bengala e no bigode, uma cousa excepcional e rara, que conserva inalteravel — a personalidade. Consigo mesmo está certo — é bom, docil, serviçal e até heroico. Mas ha uma cousa que, ou êle ou o mundo, não sabe — é adaptar o seu sentimento á realidade. Fica sempre inadequado, grotesco, desigual. Não ha meio de ser levado a serio.

✣ ✣ ✣

Por que Carlito é engraçado? Êle não é palhaço e nem faz cousas para rir. No entretanto a gente ri desabaladamente, mas ri sempre ou da sua tortura ou da maneira pela qual êle toma a existencia, confundindo as cousas. Rimos da sua dor ou da sua aflição. A quéda dos outros é sempre muito engraçada e a nossa incomoda. Como Carlito não tem malícia — êle é a ingenuidade mesma — não vê nunca o perigo, nem mesmo olha para si. A sua dignidade pessoal é intangivel, esteje rôto e esfarrapado, corrido, preso, humilhado. Está a es-

da passo inventando novos meios de vencer, de que sairão disparates irremediaveis. Mas confia e tem memoria fraca para a desgraça. Sobretudo confia em si ilimitadamente, por isso, fica ridiculo, bôbo, imbecil.

✣ ✣ ✣

Essa mulherzinha loira, êle não a conseguirá nunca. Póde ir ao sacrificio e chegar aos extremos, como em **Luzes da Cidade**, para fazer seus olhos enxergarem de novo. Quando ela o vir, oh desilusão! êle morderá o freio da sua mesquinhez e essa hora ansiada fôra melhor não ter vivido. Sempre a tragedia. Não o levam a serio Tristeza.

✣ ✣ ✣

A genialidade de Charles Chaplin nos deu, na figura de Carlito, uma soma formidavel de desencontros, fez uma obra profunda de pessimismo e provou o dito sinistro de Schoppenhauer — **só o mal existe**. Porque Carlito, que é bom, fundamentalmente bom, é sempre o vencido e o ridiculo. Os dois planos, do tragico e do comico, se interceptam para fazer o angulo da vida. Não se sabe bem onde a maior dor, se num ou se noutro. Por certo no desiquilibrio e as cousas desiquilibradas são sempre perigosas e engraçadas. O romance de Carlito é uma perpetua historia banal e realista, sem fantasia, quasi sem enrêdo. As figuras por igual, sem relevo. Só as situações têm significado e marcam o atropelo e o desencontro das cousas. A justiça injusta, a verdade precaria, a dedicação incompreendida e assim por diante. Mas isso não é fruto de rebeldia, como fizeram os romanticos, é a lei da vida, a insuficiencia humana.

✣ ✣ ✣

Carlito, porém, não se deixa vencer. Recomeça invariavelmente. As topadas da vespera não o convencem de que ha novas pedras na estrada, nem êle baixa o olhar para a terra. Lá se vai, cabeça erguida, rodopiando a bengalinha nos dedos, caminho afóra. Zás! novo tropêço, nova quéda. Gargalhada de todos. Levanta-se, desculpa-se com a pedra e segue. Só o pavor o atormenta. Se, numa esquina, espia a catadura má de um guarda, agarra na cabeça a cartolinha e dispara espavorido. No comêço era o temor... E' verdade que Carlito não é um santo. Faz das suas. Quando se tornou vidraceiro, tinha um garoto para jogar pedras nas janelas alheias e arranjar trabalho. Mas essas cousas êle aprendeu e curioso é que a vida, que lhe ensinou, o castiga. E, no entanto, fazia isso para o bem, para manter esse gurí, que lhe caiu nas mãos, nem êle mesmo sabe por que, mas que lhe tomaram, quando mais bem lhe queria. Sempre desentendido, sempre inadaptado.

✣ ✣ ✣

Tão triste a história de Carlito... Mais triste ainda é rirem dêle. Que culpa tem de não acertar? Vontade tem, constancia não lhe falta, mas é sem sorte. Que é a sorte? E' a inimiga de Carlito e a dona da vida. Os dois não se entendem de modo algum. Que importa? Carlito continúa na estrada, indiferente a tudo, digno, bom e displicente. Só êle não sabe dessa inimizade e acredita na sua sedução. Como os homens iludidos são engraçados e como são funebres os desiludidos...

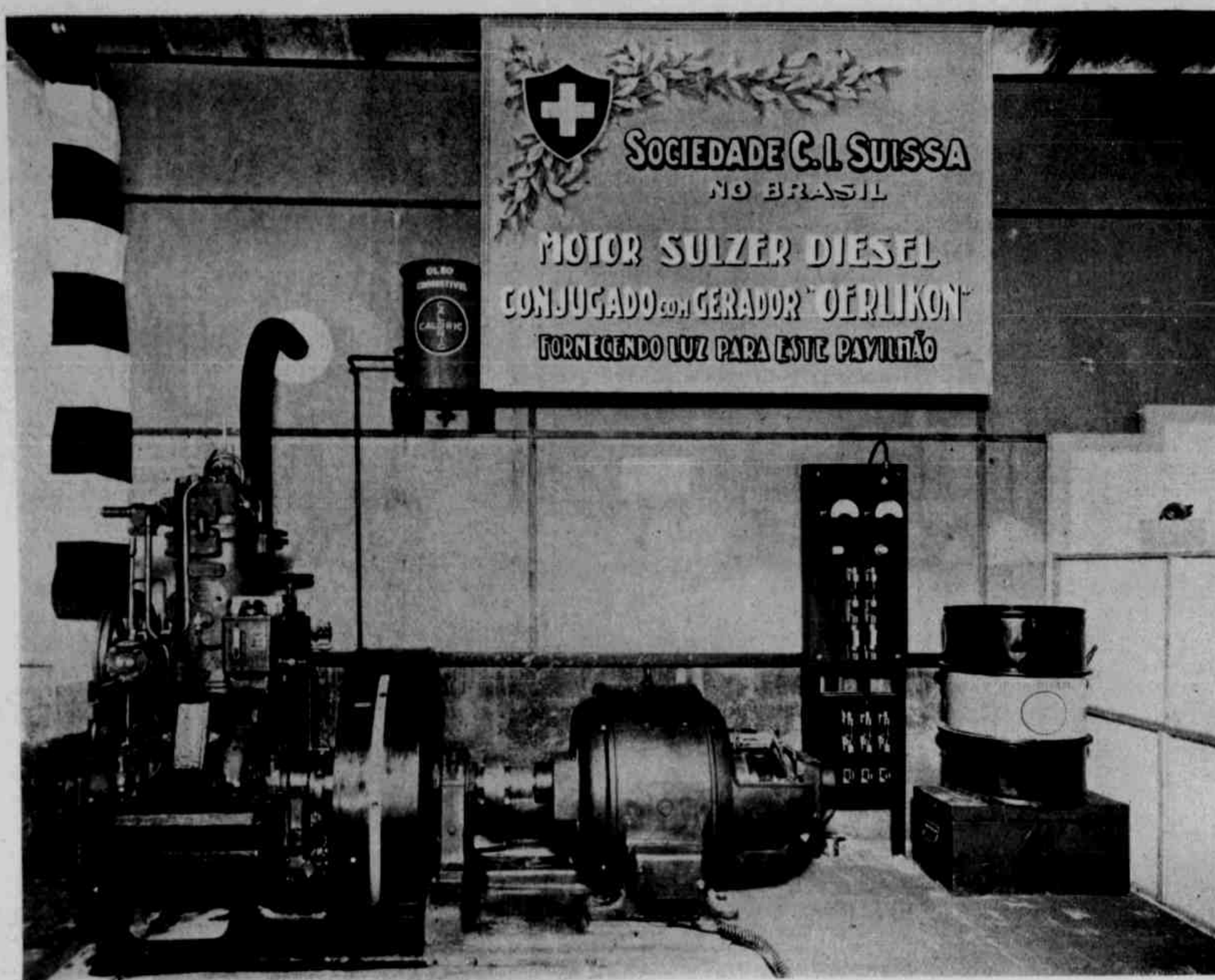
— Vamos, Carlito, continue, que você nos faz aprender muito á sua custa e já tanta gente tem gosado a sua tragedia, que não é demais que dela nos riamos, o leitor e eu... Continue, Carlito, você é tão engraçado!

RENATO ALMEIDA

PAVILHÃO NA FE

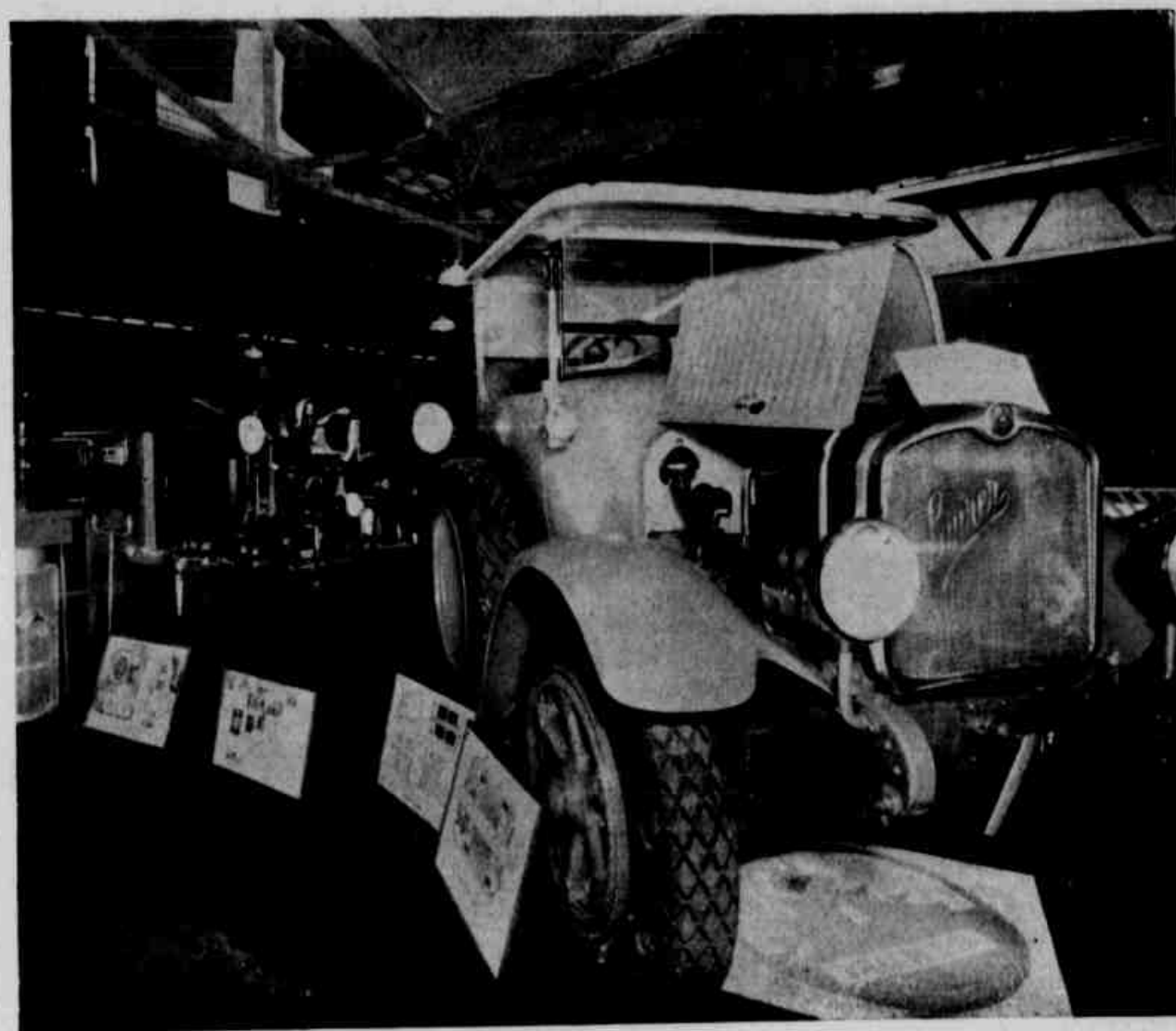
SOCIEDADE COMMERCIAL E NO B

RIO DE JANEIRO - Rua S. Pe

ENGENHEIROS - CONSTRU

UNICOS REPRESENTANTES DAS FABRICAS:

AESCHBACH — AHLBORN — AMMANN — AUTOFRIGOR — BAER — BROWN BOVERI — BUEHLER — DUBIED — ESCHER WYSS — GRAF — HELLESEN — KERN — KOCH "UTO" — LANDIS & GYR — OERLIKON — RIETER — Von ROLL — RUETI — SAURER — SCHWEITER — SCINTILLA — STAEUBLI — SULZER — "SLM" Winterthur — TRUEB TAUBER — WEGMANN WEIDMANN — SWENSKA — BALTIC

ESPECIALIDADES:

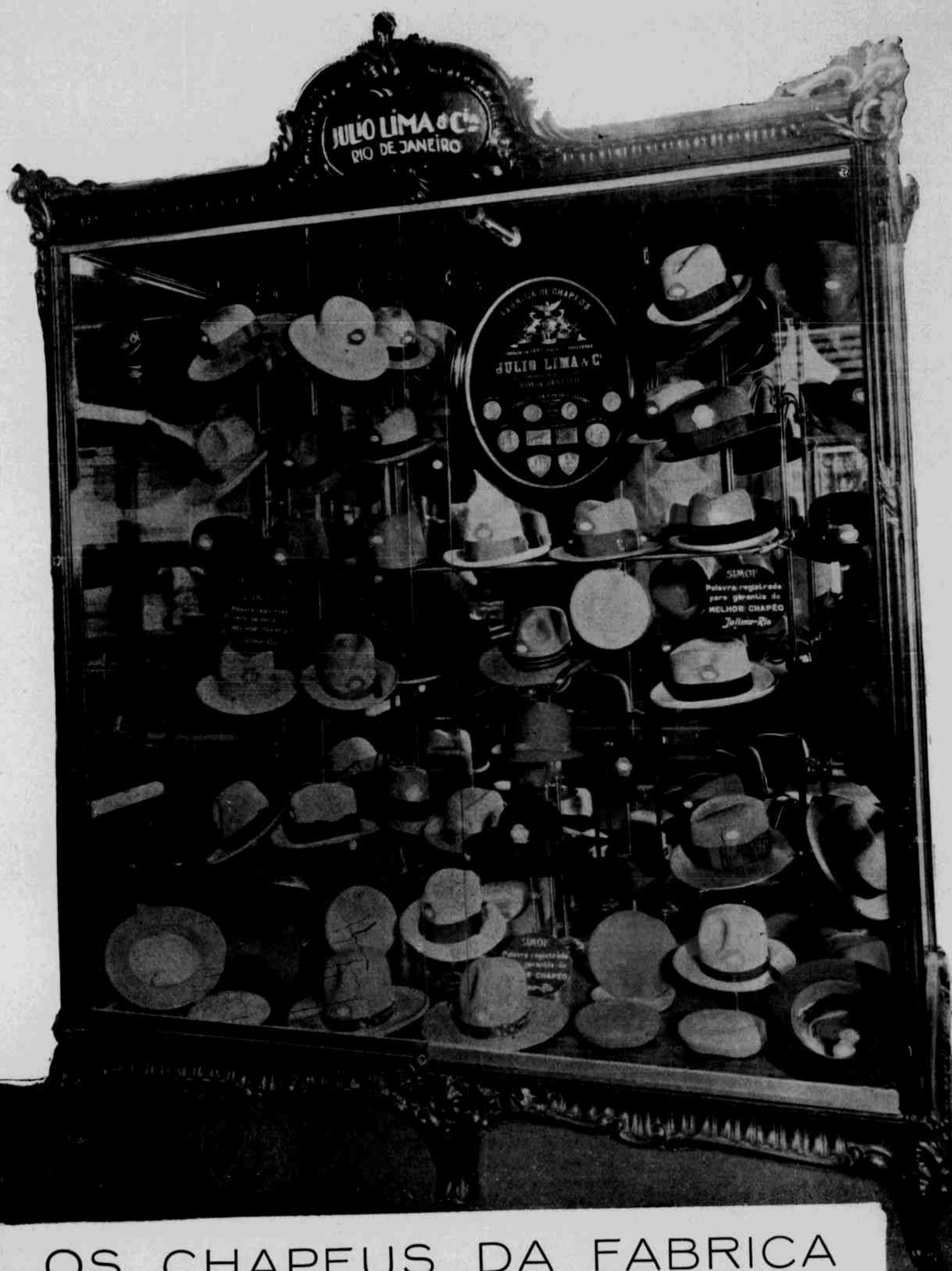
Installações: frigorificas, hydro-elect., Confeitarias e Padarias, Lacticinios, Matadouros, Moinhos, Sorveterias, Fabricas de chocolate, Papel, Textis, Apparelhos electricos, Pilhas sec cas. Machinas: Estradas de rodagem, Britadores, Motores a Gaz, a Oleo crú, Diesel terrestres e maritimos, Auto-caminhões Diesel e a gazolina, Bombas centrifugas, Ralos, registros, Caldeiras electricas e a vapor, Compressores de ar, Correias de couro, Locomotivas electricas, Diesel-electricas e a vapor, Turbinas hydraulicas e a vapor.

Casimiras nacionais que são uma verdadeira maravilha

Em uma das visitas que fizemos á Feira de Amostras, não nos pudemos furtar ao prazer de nos determos, em agradavel contemplação, ante um dos mostruarios que alí se exibem, o qual prendeu sobremaneira a nossa atenção pelo belo conjunto que apresenta.

Trata-se do mostruario da Companhia de Tecidos Bom Pastor, que fabrica excelentes casimiras, flanelas e outros tecidos similares. E tamanha quão agradavel foi a nossa surpresa, que não pudemos conter o desejo de trocar algumas impressões com os diretores do estabelecimento que alí vimos, aos mesmos solicitando venia para reproduzir um aspêto do mostruario, no que gentilmente acederam.

Por tudo quanto vimos e examinámos, os tecidos são realmente de primorosa confecção e otima qualidade, quer pela beleza de padrões e firmeza de coloridos, quer pela variedade imensa de sua produção.

Qualquer pessoa, mesmo os mais exigentes póde vestir-se com as casimiras dessa fábrica, sem receio de desvantagem em relação ás estrangeiras, em preço e qualidade, cooperando, assim, para o desenvolvimento da indústria brasileira, merecedora do mais legítimo e digno amparo de seus consumidores.

A simples observação do mostruario, cuja fotografia ora estampamos, é bem a prova disso. Mas, para melhor confirmação aconselhamos que procurem todos examinar os produtos que se encontram expostos na Feira de Amostras.

OS CHAPEUS DA FABRICA

JULIO LIMA & C.IA

Na Feira de Amostras

Fabrica:
Rua de S. Christovão, 353

Escriptorio:
Rua de S. Bento, 15

PRODUCTOS
DO
Laboratorio
SIAN
CAIXA POSTAL
2147
PONCHE DE SIAN
CREOSOTADO
COMBATE
bronchite, tosse, asthma etc.
É para a vida dos pulmões o que os pulmões são para a nossa vida.
Diurephan
STAND NA FEIRA DE AMOSTRAS

Stand da Fabrica de apparelhos Filtrantes

FIEL E SENUN

Algumas palavras sobre Velas Filtrantes SENUN

É indiscutivel o beneficio de um filtro, dentro do lar, onde as impurezas da agua se revelam no lôdo que se accumula nas caixas de uso domestico.

Hoje que temos ao nosso alcance velas filtrantes, de um funccionamento inalteravel, velas que se adaptam a todos os apparelhos de qualquer marca ou procedencia, não deve ser descurada a purificação da agua potavel, origem de grandes doenças.

A vela Senun é de uma primorosa confecção technica obedecendo a sua porosidade a um *contrôle* seguro de efficiencia maior ou menor, segundo as exigencias do seu uso.

É um producto que honra a nossa industria e merece, pela sua perfeição, a preferencia publica.

A' venda na importante casa **F. R. MOREIRA & CIA.**
Av. Rio Branco 109 e demais casas de primeira ordem

O SURTO PROGRESSIVO DA INDUSTRIA BRASILEIRA

A PRIMASIA DOS PRODUTOS

DA

Companhia America Fabril

TODOS OS SEUS TECIDOS ENCANTAM PELO GOSTO E DESLUMBRAM PELA QUALIDADE

O MOSTRUARIO DA COMPANHIA AMERICA FABRIL NA FEIRA DE AMOSTRAS, ATESTA A SUPREMACIA DOS PRODUTOS DE SUA FABRICACÃO.

"Stand" do Instituto Orthopedico Barboza Vianna, na Feira de Amostras. Ao fundo do armario vêem-se os membros artificiaes até hoje fabricados, pesando alguns 5 kilos e os de aluminio estampado, patente do Instituto, fortes, resistentes e baratos, pois custam apenas 500$000, e pesam 1 kilo e meio.

"Stand de A. P. Kastrup & Cia., a casa que maior variedade tem de artisgos de illuminação electrica.

RUA CARIOCA, 15 TELEPH. 2-8410

"Stand" da Pirelli S. A. Cia. Nac. de Conductores Electricos e da Cia. Brasileira de Pneumaticos Pirelli.

VIVER pela INTELLIGENCIA

Trovadora...

Desenho de
Tamara Lempicka

VIVER pela inteligencia é seguir espontaneamente a diretriz de sua vida. E' dominar o destino e desdenhar a pesada herança de influencias seculares.

A liberdade é sua flamula.

Viver pela inteligencia é saber nossas emoções e dar-lhes vida eterna! O selo da arte é a marca da eternidade.

Viver pela inteligencia é viver vida propria, intrinseca. E' ser fôrça que move e não mecanismo que obedece.

Viver pela inteligencia é ter aspirado com fôrça o sopro de Deus. A inteligencia permanece alerta diante dos misterios da vida, é instrumento de conquista, penetração, sinal de poder.

Póde aquêle que sabe querer e só quem sabe querer é inteligente.

Viver pela inteligencia é viver num mundo iluminado, esclarecido. As coisas e as creaturas, tudo traz um letreiro para o homem inteligente.

Viver pela inteligencia é fazer da duvida o caminho para a certeza. E' substituir um ideal vencido por um ideal maior. E' possuir a arma que decide todas as lutas e a balança que pesa todas as coisas.

Viver pela inteligencia é viver no deslumbramento. E' dar vida a tudo que nos cerca, sentir a energia de todos os elementos. E' compreender a linguagem universal e dominar a realidade.

Viver pela inteligenci aé saber sentir a vida!

RACHEL CROTMAN

VAMOS para

CIRURGIA ESTÉTICA

— Eu queria fazer um tratamento de beleza. Que me aconselha cortar?

— A cabeça.

— Aí está o que eu ganhei em casar com a filha de um negociante por atacado!

Coronel
Apaixonado por quem?

Lisette
Por uma mulher que não o compreende...

Moacyr
Que é que eu devo fazer, coronel?

Coronel
(Diz com um gesto que deve bater)

Moacyr
(A Lisette) Devo aceitar o conselho?

Lisette
Não faça isso!

O homem
Não sei por que, o *box* sempre foi um argumento preponderante nas pendencias amorosas...

Moacyr
Êste sujeito é um grande filosofo!

Lisette
Um grande filosofo que fugiu do hospital de doidos. (As vozes aumentam lá dentro, e a orquestra toca a marcha que tem êste estribilho:)

"Brasil, terra querida!
Partindo resolutos para
[a guerra,
Todo o ardor que o nos-
[so peito encerra,
E' teu, só teu, Brasil
[amado!"

O homem
(Canta o estribilho de pé)

Coronel
(Anima-se)

Moacyr
(Continúa fixando a fumaça do cigarro que baila no ar)

Lisette
(Olha-o e depois anima-se tambem)

CENA XIV

Os mesmos e os FIGURANTES
(Entra na sala um grupo com lenços e toalhas de mesas, cantarolando o estribilho, em desfile. Todos olham e sáem, ficando só o Moacyr e o Homem.

CENA XV

MOACYR E O HOMEM QUE FALA SÓZINHO
(A melodia da canção perde-se á distancia, e o cabaret fica em silêncio. Numa mesa Moacyr, noutra o Homem)

Moacyr
O sr. será capaz de me dar uma explicação?

O homem
Possivelmente duas...

Moacyr
Acha o sr. que eu sou um rapaz desinteressante? Não se irradia de mim um pouco de simpatia?

O homem
Respondo-lhe com franqueza, com sinceridade: se eu fosse mulher, o sr. seria o meu amante...

Moacyr
Muito obrigado...

O homem
A mulher de vida confortavel revela a sua inteligencia, não pelas coisas que diz, mas pelo amante que possúe e mantem...

Moacyr
Como o sr. explica então êste misterio: essa mulher que saíu d'aqui agora é bonita, o sr. não acha?

O homem
Muito!

Moacyr
Se o sr. tambem acha que eu sou interessante, por que ela não me brinda com a sua amizade, ou melhor, com o seu amor? Eu não mereço por acaso o amor dessa mulher:

O homem
Justamente por merecer é que o sr. não o consegue...

Moacyr
Justamente por não merecer?

O homem
Justamente... Porque não ha infelizmente mérito algum em fazer a conquista de uma mulher de grande estilo. Repare nas mulheres assim que ha por ahi, nos salões: cada mulher assim, cada mulher de grande estilo, anda com um homem banal, sem importancia... Sabe por que?

Moacyr
Tenho vontade de saber...

O homem
Porque a mulher não gosta de acompanhar, de ser um complemento... A mulher gosta que a acompanhem... Por culpa dos homens, sabe?

Moacyr
Dos homens?

O homem
Porque o homem sempre apregôa que é o rei dos animais. Mas como de fato o rei dos animais é a mulher, ela vinga-se do homem, abusando do poder da sua beleza, para fazer do homem seu pagem predileto e amavel... Não fique triste por ter sido desprezado... E' a prova de que o sr. é um homem um pouco diferente dos outros. O sr. tem uma personalidade propria, que afuscaria a personalidade da mulher que o acompanhasse...

Moacyr
Talvez o sr. tenha razão: mas a maior de todas as infelicidades é esta. Eu preferia mil vezes, ser...

O homem
Já sei: um homem mediocre...

Moacyr
Isso: um homem mediocre...

O homem
Porque é dêles o reino dos céus... (Levanta-se para saír) Bôa noite!

Moacyr
Bôa noite! (O homem sái. Moacyr acende outro cigarro e olha numa grande melancolia para a mesa onde estava Lisette ha pouco. Aproxima-se da mesa, senta-se na cadeira onde ela se sentara e pega no mesmo copo carinhosamente, e c a r i n h o s a m e n t e bebe o Champgne que restou no copo e o VELARIO se fecha.)

TERCEIRO QÚADRO

(De novo no apartamento de Lisette, á tarde do dia seguinte)

CENA XVI

LISETTE e a CRIADA
(Lisette está vestindo um pijama bizarro, quando a criada entra)

Criada
A senhora chamou?

Lisette
E' para você trazer daqui a pouco um chá.

Criada
Chá para um?

Lisette
Chá para dois...

Criada
Muito bem... Novidades, dona Lisette?

Lisette
Talvez... Uma pequena distração...

Criada
Êle?

Lisette
O do telefone... Insistiu tanto em querer falar comigo, que eu o convidei para um chá...

Criada
Eu bem que lhe dizia, dona Lisette... Quem espera sempre alcança... E êle — coitadinho — tem esperado tanto...

Lisette
Você começa a levar a coisa para outro terreno... Não é disso que se trata. Eu convidei-o para me distrair um pouco. Os homens, quando principiam a declarar-se, são interessantissimos... Dizem coisas bôbas, ficam tão ridiculos... E depois ainda dizem — mas que convencidos! — que a mulher não passa de um simples complemento do homem... (O, telefone toca) Veja quem é... Se fôr êle, mande subir.

Criada
Alô! Sim, senhor. E' do apartamento de Mme. Lisette. Ah! é o Dr. Moacyr? Póde subir, dr. que Mme. Lisette está ansiosa á sua espera... (Desliga)

Lisette
Que é isso, menina? Que confiança é essa? Êsse rapaz pode enlouquecer...

O AMOR

PEÇA EM 7 QUADROS DE

BRASIL GERSON

Criada

A sra. está querendo, dona Lisette... Eu bem sei...

Lisette

Vá! Desapareça! (A criada sai)

CENA XVII

LISETTE e MOACYR

(Ouvem-se ligeiras pancadas na porta)

Lisette

Póde entrar...

Moacyr

(Entrando) Bôa tarde! Como está?

Lisette

Muito bem... E você?

Moacyr

Como você...

Lisette

Sente-se... Deixe ver o seu chapéu... (Coloca o chapéu num logar qualquer) Então, que ha de novo?

Moacyr

Por enquanto, é a sua gentileza...

Lisette

Quer tomar um chá comigo?

Moacyr

Pois naturalmente, e com muito prazer...

Criada

(Chegando com o chá) Com licença! Chá para dois!

Moacyr

(A Lisette) E' a sua camareira?

Lisette

Ha mais de um ano. Muito simpatica, não acha? Mas é tambem um pouco atrevida...

Criada

Oh! dona Lisette... Eu disse apenas ao dr. Moacyr que a sra. o esperava ansiosamente... Não é verdade? Sou atrevida, dr. Moacyr?

Moacyr

Indiscreta... indiscretissima...

Criada

Está tudo bem, dona Lisette? Está como a sra. me recomendou: está carinhoso, o chá?

Lisette

Viu você que atrevida? Desapareça...

Criada

Com licença... (Com malícia) Dona Lisette, fecho a porta do apartamento?

Lisette

Não é preciso fechar. O dr. Moacyr é de cerimonia...

Moacyr

Por mim, póde fechar, Lisette...

Lisette

Mas que malandro o senhor está-me saindo. hein? Já quer fechar a porta... (A' criada) Deixe-a aberta... Tenho muito medo de certos homens fatais... (A criada sái)

Moacyr

Não me maltrate assim, Lisette... Principalmente deante da criada...

Lisette

E se você estivesse sózinho?

Moacyr

Seria outra coisa...

Lisette

(Servindo o chá) Muito assucar? (Finge apenas que bota assucar)

Moacyr

Assim está bem...

Lisette

Um bricche?

Moacyr

Oh, muito obrigado... (Bebe um gole de chá e vê que está azedo)

Lisette

Está bom? Acertei com o assucar?

Moacyr

(Bebendo outro gole) Admiravelmente!

Lisette

Diga-me agora uma porção de coisas bonitas... Assim como aquelas coisas que você, só você, sabe escrever...

Moacyr

(Pegando outra vez na chávena e com as mãos trêmulas) Deante de você, que é tão bonita, que coisas bonitas poderei dizer?

Lisette

Como estão trêmulas as suas mãos! Se a sua emoção fosse sincera, como eu seria feliz...

Moacyr

(Olhando de proposito através de uma janela) Que tarde maravilhosa a de hoje! Como o seu céu está lindo! Gosta muito de S. Paulo, Lisette?

Lisette

De S. Paulo e de certos paulistas...

Moacyr

São homens muito trabalhadores, os paulistas. Em S. Paulo constróem-se muitas casas. Dizem que é a primeira cidade do mundo na construção de casas.

Lisette

Sabe quantas?

Moacyr

Creio que uma por hora e, portanto, 24 por dia. Ao todo, num ano, são... são... deixeme fazer as contas... são 2.760...

Lisette

Como você faz bem as contas! Mas deixe de lado as contas, os números. Fale um pouco da vida. A vida e tão gostosa...

Moacyr

E você por que não fala, Lisette? Para mim, você foi sempre um misterio. Você limita-se a sorrir e a dizer: "amanhã... amanhã..." Você é como aquêles cartazes que a gente vê nas casas de comércio de arrabalde: "Hoje não se vende fiado. Amanhã, sim"...

Lisette

Lembra-se ainda como foi que nos conhecemos?

Moacyr

Destas coisas a gente nunca mais esquece...

Lisette

Aqui no hotel diziam que eu era a mulher feita de uma interrogação...

Moacyr

Um dia, finalmente, você viu que a unica preocupação da minha vida era você... Eu estava lendo um livro de Chateaubriand, e você fixou primeiro os seus olhos no livro. Então eu tive coragem de perguntar-lhe: "Interessa-se por êste livro?" — Você respondeu: "Não. Muito obrigada..." E nunca mais tocámos no episódio do livro... Que havia nêle de curioso para você?

Lisette

Havia a história dos frades trapistas.

Moacyr

Mas que tem você com os frades trapistas?

Lisette

Muita coisa...

Moacyr

De verdade?

Lisette

De verdade... Conte-me: como vivem os trapistas?

Moacyr

Dêles eu só poderia dizer que constituem a Legião Estrangeira da Igreja. São condenados voluntarios, por causa de alguem, aos trabalhos forçados longe da vida...

Lisette

E' verdade que, quando um trapista se encontra com outro, diz-lhe, como num "refrain": "Irmão, é preciso morrer"?

Moacyr

Chateaubriand escreveu isso, mas eu acho que não é verdade. Mas por que se interessa tanto pelos trapistas?

Lisette

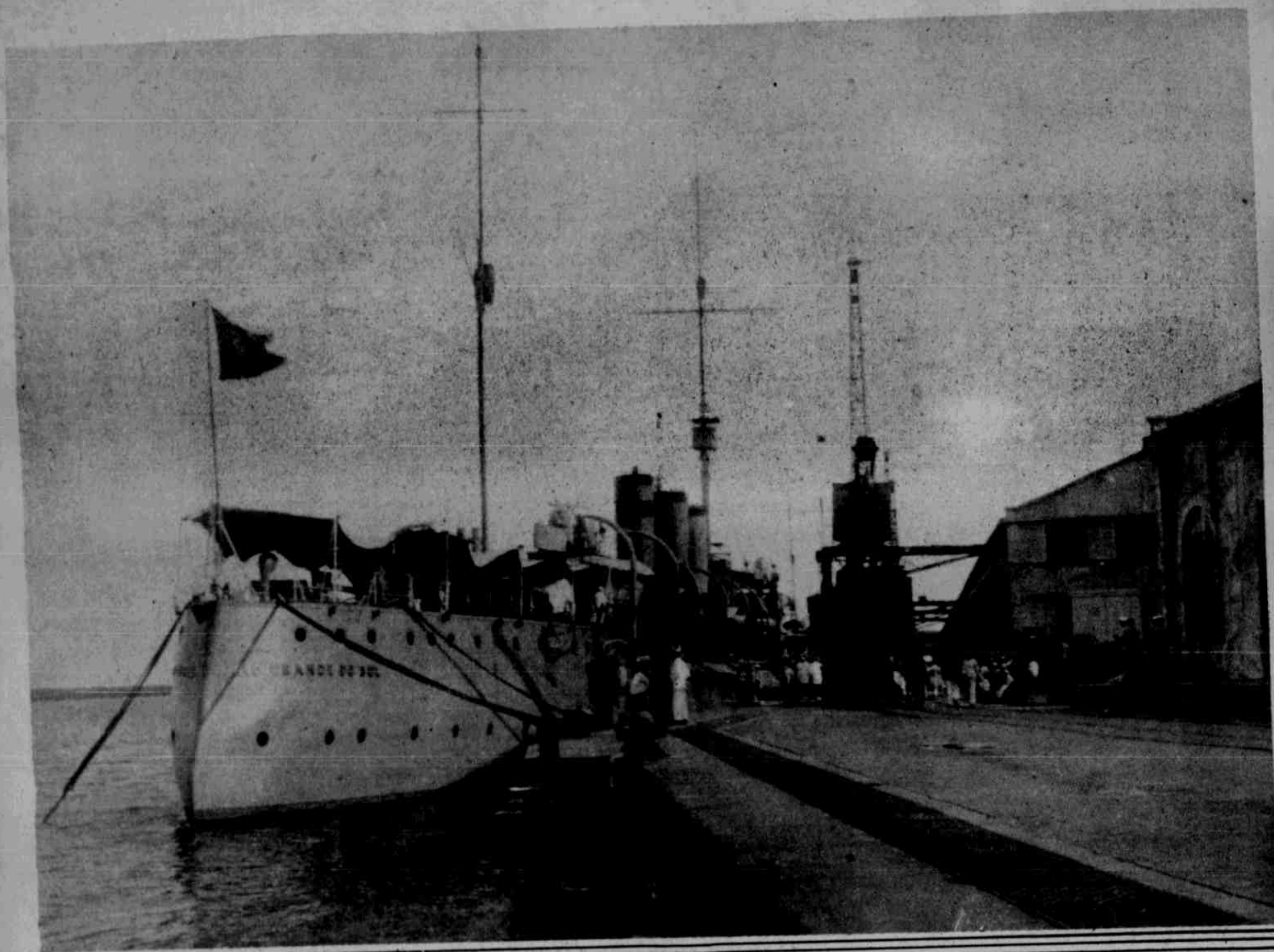
Porque o meu irmão, depois da guerra, foi ser trapista. Era capitão de cavalaria, aos 24 anos, por atos de bravura, perto de Verdun.

(Continúa no proximo número).

— Oh! papai! Você beijou a criada!

— Vai ver onde estão os meus óculos. Pensei que era a tua mãe.

O AMOR DO PROXIMO

— Maria, traga o meu vestido de "lamé", os meus sapatos de setin, as minhas péles. Vou visitar os meus pobres.

PERNAMBUCO

Trecho do Porto de Recife

Manhã de S. João...

RESTOS de fogueira... Toda a noite o batuque do samba encheu o povoado... Os busca-pés estouraram... Os violões e as vozes enterneceram corações... Vestidos novos, fitas nos cabelos, cheiro nos lenços, pó de arroz nos rostos, esperanças nas cabeças... Sortes, adivinhações, banho no rio... Agora, amanheceu... A fogueira se extingue. Cinzas, cantos de galos, o sono... E os sonhos...

MARIO SETTE

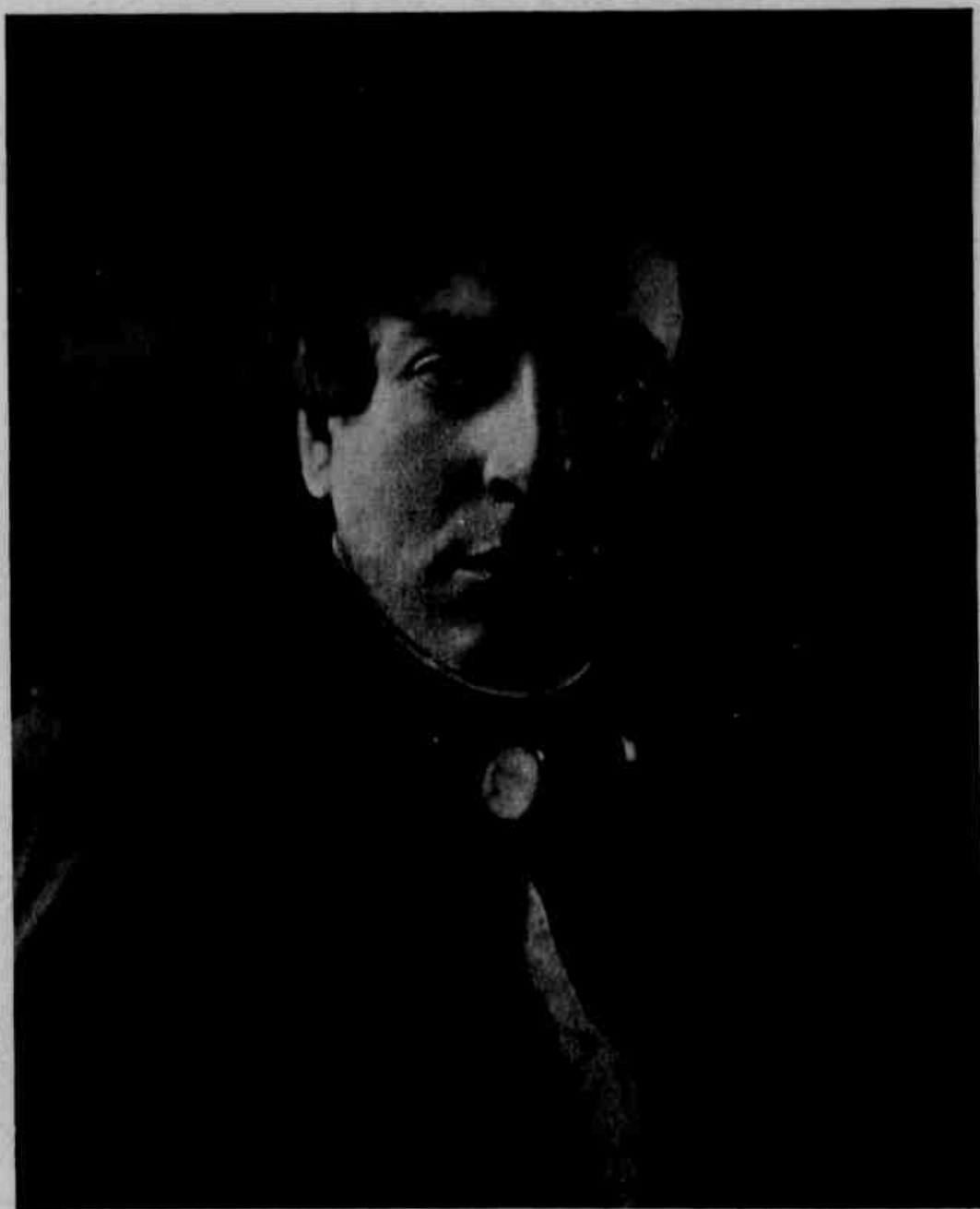
Mariuccia Iacovino

violinista, premio de viagem de 1930, no Instituto Nacional de Musica, aluna de Paulina d'Ambrosio, dá o seu recital, em 18 dêste mês, ás 9 horas da noite, no Teatro Municipal, na serie dos Concertos de Jovens Artistas, do Gremio Arcangelo Corelli. Vai ser um dos momentos mais inteligentes da estação de 1931, o recital de Mariuccia.

Yolanda de Vilhena Ferreira, aluna de Henrique Oswald, fez um concerto de piano, hontem, no Teatro Municipal.

Tito Schipa, primeiro tenor da Chicago Opera Company, pertence ao grupo de grandes artistas da Companhia Lirica que vem ao Rio, contratada pelo maestro Silvio Piergile.

Musica

"Fausto" não era da Musica, mas ficou sendo O drama de Gœthe já deu o "Fausto" de Gounod, a "Danação de Fausto" de Berlioz, o "Mefistofeles" de Boito, e outros menores. Agora, a nossa Filarmonica vai apresentar ao Rio a Sinfonia "Fausto" de Liszt. Um comunicado á imprensa diz: "A tragica história do homem que vendeu sua alma para rehaver a perdida mocidade e experimentar todos os gosos da terra contém em seu simbolismo uma tão profunda humanidade que quasi todos os grandes musicos do seculo passado foram por ela tentados, e a comentaram em obras magnificas. Entretanto, quem mais profundamente comprehendeu os caractéres expostos na obra do grande romantico alemão foi, sem dúvida, outro artista genial que veiu ocupar na cidade Weimar o logar de destaque e de projeção impar anteriormente mantido alí por Gœthe: Franz Liszt. Ao grande amigo de Wagner, figura gigantesca na Europa musical do seculo que passou, devemos, talvez, a mais profunda e verdadeira de todas as concepções musicais inspiradas pelo "Fausto" de Gœthe. Sem tentar descrever determinadas cenas ou episodios Liszt fixa, apenas, o caráter dos três personagens maximos do "Fausto": Fausto, Gretchen (Margarida) e Mefistofeles".

A Companhia Lirica que vem para o Municipal traz um quadro italiano e outro francês em que figuram celebridades como Schipa, Lily Pons, Josephina Cobelli, Ninon Vallin, Georges Thill e Carlos Galeffi. Os espectaculos serão em número de 7, em assinatura, dos quais o primeiro será um concerto "Tito Schipa".

Em baixo: Lygia Porto da Motta com Luiz Adriano Xavier Braga. Os noivos e sua côrte: Lina Fontes, Irany Motta, Luiza Motta, Yvonne Teixeira, Sinai Motta, Nereida Torres, Julieta Grillo, Idalina Corrêa, Durvalina Lopes, Talita Campos, Justa Motta, Adelina Grillo, Reynaldo Figueira, E. N. Faria, Emilio Alcoforado, Antonio Bessa, A. Bessa, G. Coelho, Honorio Marques, J. Grillo, Jayme Baptista, A. Lopes, J. Baltar e Antonio Rodrigues.

Em cima, á esquerda: Irene Braga com Manoel Ribeiro de Oliveira, no Rio.

A' direita: Edith Gomes com Antonio Paulo Soares Pires, em Niteroi.

Os três purissimos poemas

HISTÓRIA INGENUA

Lá fóra havia flores, luzes, belezas e as maravilhas todas que Deus pôs no mundo grande.

Mas o beija-flor se perdeu no mundo grande e entrou no meu quarto triste. Entrou, num exagero de cores, estonteado.

Esvoaçou muito contra o této e caíu depois, exéusto.

Tomei-o nas mãos, carinhosamente, religiosamente, como se tivesse entre os dedos o meu amor ou a minha felicidade.

Matei-lhe a sede, acariciei-o, beijei-lhe as peninhas finas e coloridas.

Depois, porque eu não tinha direito de prendê-lo, abri a mão, deixando que êle se fosse quando quisesse, mas com uma vontade grande e uma esperança enorme de que êle ficasse, para povoar a minha solidão.

Voou...

Já houve uma mulher assim na minha vida..

* * *

HISTÓRIA QUASI TRISTE

Era noite de São João e havia a festa ruidosa das fogueiras e dos balões.

Fogueiras na terra, fogueiras no céu. No céu, fogueiras de estrelas e balões. Na terra, de alegrias e olhares quentes.

E a ceguinha tinha se contagiado da alegria dos outros. Preparara, ela tambem, com suas mãos, um grande balão de cores vivas (por que essas cores tão fortes, ceguinha? Você não percebe as cores pelo tato não? O vermelho deve ser quente, o preto gelado e o azul suavemente morno; não é não?).

Por que teria a ceguinha o capricho de que fosse eu que lhe soltasse o balão?

A principio êle subiu bem, depois, a uma viração mais forte, foi devorado pelo seu proprio fogo.

E como a ceguinha me perguntasse, ansiosa, se êle estava muito alto, eu lhe respondi:

— "Sim. Vai tão alto... parece uma estrela... E' o mais lindo dos balões que estão no céu, menina".

E o seu sorriso de alegria foi uma dor fina, para mim.

* * *

HISTÓRIA DA DOR QUE VEM COMIGO

Eu vinha pelos caminhos e a Dor vinha comigo, como uma sombra ou como um remorso.

Eu me desviava bruscamente da estrada, me perdia no meio das multidões e no corpo das mulheres, mas nunca pude me furtar á Dor. Me deram amor, me deram alegria, e a Dor estava sempre no fundo dos cálices.

E por mais festivos ou mais tortuosos que os caminhos fossem, a Dor nunca me abandonou.

E eu maldizia a Dor.

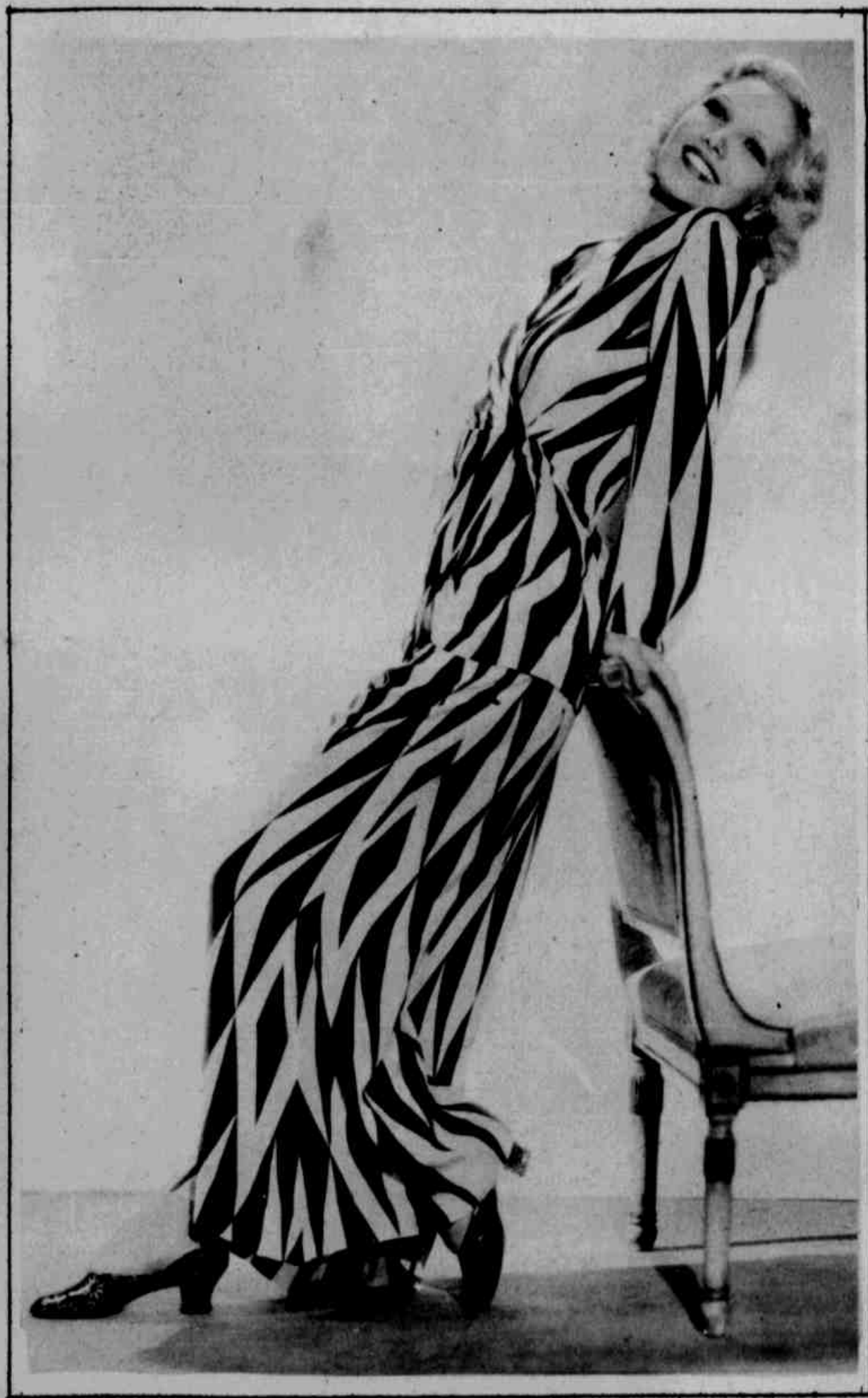
Depois eu virei para dentro de mim, e entre as belezas e as podridões, vi a Dor lá tambem.

E ela era tão pura e era tão minha que eu comecei a lhe querer bem.

E eu vou com ela, sem sofrimento, pelos caminhos. E ela me recita poemas, pela vida afóra, e nem sempre são tristes, êstes poemas.

Ela é tão suave, meiga, carinhosa...

Eu bendigo a Dor.

NEWTON BBAGA

Um pijama bonito no corpo de Claudia Dell

de Elegancia

NOS últimos dias de Agosto tivemos oportunidade de apreciar bonitas silhuetas de inverno. Na cidade, no Jockey, nos teatros as elegancias do tempo do frio. Mal desponta o sol, porém, a gente tem logo vontade de atirar para o fundo do guarda roupa todos os agasalhos, e vestir-se de branco, de azul, de rosa ou de estamparia para estar mais de acôrdo com o céu, com o sol, com a alegria toda da natureza. Fartamo-nos depressa de ver os "tricornes" com que as mulheres ainda mal se ageitam, tamanho o sucesso da boina colocada displicentemente, e dos pequenos chapéus que mais pareciam cuias mal cobrindo os cabelos da moleira á nuca. Os chapéus estão, no momento, revolucionando o comércio e a freguesia. O "tricorne" é gracioso quando sem exagero, porque, pequenissimo, bico virado entre as sobrancelhas, êle não pode completar graciosamente um vestido trinta centimetros acima do chão, nem — ao que me parece — dispensa a anquinha sob a larga saia franzida rastejando pelo chão. Mas ha "tricornes" bonitos, geitosos, completando bem um vestido que afina a silhueta, sem, no entanto, tirar-lhe os contôrnos. Branco, para um vestido marinho, preto, vermelho. O branco está como guarnição chique nas "toilettes" de todas as tonalidades, inclusive "marron". O "canotier" tambem é gracioso. E mais facil de ir em qualquer fisionomia.

Leitoras,

Principiei esta cronica num dia chuvoso, mas no proposito de não falar no que úsamos quando a temperatura desce. Quando a chuva demora, quando chuvisca dias e dias e o céu está carrancudo, só se tem vontade de vêr o sol, que, por sua vez, desanima quando o calor é intenso. Mesmo não nos sentimos tão contentes nos dias brumosos. Ha qualquer coisa de melancolia espalhada por tudo, o que nos torna entristecidos tambem...

O sol, minhas amigas, é uma coisa ansiosamente desejada nêsses tempos de "fog" carioca.

Dizem os entendidos que a americano do parisiense e a americana do norte — uma e outra quase rivais em lançar a moda universal — estão enfastiadas da dansa, apesar dos esforços dos "dancings" em lançar a "rumba" e "La nova", uma delas sancionada pelo elegantissimo principe de

Galles. "La nova" quer substituir a valsa que, no inverno europeu do ano passado, fez esplendida "rentrée". "La nova" forma-se de "glissades souples" e volteios harmoniosos. Ao que dizem notícias lá de fóra, é dansa perfeitamente de acôrdo com a silhueta moderna.

Isso, minhas queridas leitoras, num tempo em que os pijamas de praia são admiraveis, de um modernismo rigoroso, enquanto os vestidos de rua ou de baile e, principalmente, os chapéus estão no firme proposito de nos levar á posteridade parecida figura perfeitamente parecida com a da nossa bisavó, que, de um quadro pendurado á parede da sala de visitas, espiou as nossas saias acima dos joelhos, os nossos "maillots" tão mal recebidos pela polícia do sr. Luzardo, as nossas cabeleiras arrepiadas como as das nossas bonecas — jogadas entre "bibelots" exoticos, livros, bombons — as nossas maneiras desenvoltas, o *argot* que é um prazer soltar entre um "cocktail" e um cigarro, e espia, hoje, o esfôrço com que lhe queremos copiar as modas, sem, no entanto, chegarmos á perfeição de imitar-lhe os modos.

Voltando, porém, ao fastio da dansa, passo ao prurido pela natação. As moças de outras terras já andam fartas tambem de parar, apenas, á beira da praia, de "flirtar" quando tomam banhos de sol. Querem novas sensações. E descobriram que, nadar é bom para a saúde, para a elegancia do corpo, e que o namoro não sofre prejuizo algum, mesmo quando a agua desbota um pouco o "rouge" e racha a camada de "bâton".

Ficar na praia, só pela areia, é cacête. Dentro dagua, ás braçadas para vencer as ondas, divertidissimo. Os professores de natação estão aí, a postos...

Assim, esta página estampa figuras interessantes e adequadas a tais folguedos.

De sombrinha embaixo do braço e grande chapéu "rélevé" está uma que cultiva o moreno pelos raios do sol, e elegante num ensemble" de calças de tussôr com estamparia original, casaco de veludo preto forrado do pano estampado.

As calças de largas listras em côres — estilo africano — são um tanto estravagantes, mas recomendaveis a uma mulher moça e bonita. Outro pijama elegante, todo rosa e galões de fita preta. (Jersey). De costas, ainda um modêlo exotico, porém gracioso. De perfil, um pijama composto de lenços de crepe da China "beige" com "pois" vermelhos.

Agora, porém, falemos das outras novidades.

"Miss Belgica 1931", num vestido de "organdi" estampado — rosa, malva e verde escuro sôbre preto — recomenda luvas — mitaines" cuja rêde de "filé" é guarnecida, nos vertices das malhas, de diamantes. Um vestido de "organdi" com bordados abertos e barra lisa, todo branco, chapéu branco e luvas pretas, foi *sensacional* num "cocktail" famoso; Normal Hartuell ideou um vestido de "souplesse créole", de setim rosa muito palido e estamparia rosa, Violeta e preto.

Para êstes vestidos ou os trajes de praia: tecidos tintos por *Indanthren* — corante que resiste ás lavagens e á ação do tempo.

....

Maria Sabina de Albuquerque disse, no Trianon, versos que encantaram a todos presentes ao recital da ilustre poetisa.

....

A. Dorét — o cabeleireiro excelente e perfumista fino.

....

Meias — "Sally" — Casa Machado — Rua Gonçalves Dias.

SORCIÈRE

De tudo um pouco

EXPOSIÇÃO DE FLORES

Realizada em Paris e com o mais franco sucesso.

Aí fica uma idéa aproveitavel entre nós que temos as mais lindas flores e as mais variadas. Se, na Europa, com os rigores do clima conseguem atrair quasi toda gente a uma exposição de flores, e está é — como informam os jornais — admiravel, nós, aqui, estamos perfeitamente aparelhados a organizar uma exposição que será a maravilha das maravilhas.

As flores brasileiras, como as arvores, são de rara beleza. No norte do Brasil o aroma das flores é tão forte que nem se póde conservár, á noite, uma rosa, um bogari ou um jasmim no interior da casa. No Rio, o cheiro delas é mais suave. E no sul, embora tambem lindissimas, cheiram ainda menos, se bem que sejam ainda muito perfumadas.

Hortensias, cravos, rosas, violetas, gira-sóes, margaridas, primavera, orquídeas, jasmins do cabo, e outras, todas as flores numa exposição, n u m largo recinto onde as possamos admirar artisticamente arrumadas.

E possivel mesmo que o nosso mercado tire daí proveito para o arranjo das flores, embora vejamos, todos os dias, algumas vitrinas de casas de flores preparadas com bom gosto, como, por exemplo, as da Casa Flora — Gonçalves Dias e Ouvidor.

LIVROS NOVOS

"O meu dicionario de cousas da Amazonia", de Raymundo Moraes. A' pagina 96 — letra C — Caboclo — L. G. — Vindo do mato. Originario da selva. Produto do estrangeiro invasor com o indio. O termo é afétuoso, empregado com ternura. Meu caboclo. Caboclo da gente. Aquêle caboclo é pesado. Todos nós, da planicie, nos orgulhamos de ser caboclos. — "Jornada Sentimental" — de Lys Dorison, onde se lê que: "Spleen".

"Não é bem tédio, nem é bem magua, é qualquer cousa sem razão".

LUZES DA CIDADE

CARLITO, o comico que todo o mundo admira, deu o titulo acima ao seu último "film" aqui exibido no mês de Julho findo, no qual o artista procura demonstrar o valor das "fitas" silenciosas nesta época de produções faladas e sincronizadas.

Êste comentario, porém, é sugerido pelas luzes cá da cidade, cá do Rio, todos os inumeros fócos que iluminam as nossas avenidas e ruas principais, e que, depois da meia noite até mesmo ao nascer da aurora, continuam firmes a deslumbrar pela profusão da lampadas, desnecessarias depois daquela hora, maximé numa cidade sem vida noturna.

Nestes tempos de crise, de córtes nos vencimentos do funcionalismo civil, de dispensa mesmo de muitos; nestes tempos em que governo e governados se esforçam por gastar o estrictamento necessario, seria bom que o ilustre Interventor no Distrito Federal, madurasse um pouco na economia advinda da redução de fócos eletricos pela cidade — mui principalmente nas avenidas que beiram o mar depois de meia noite.

S.

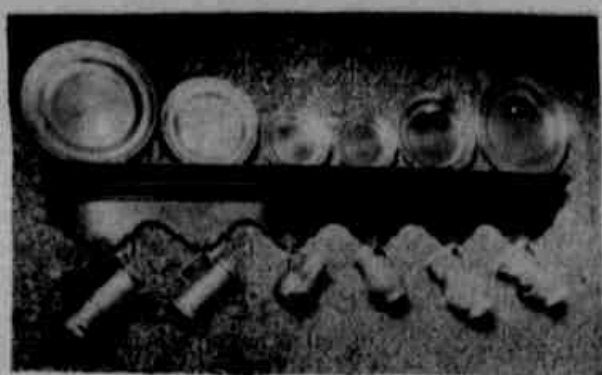
COMO AUMENTAR O PESO

Como aumentar o peso (continúação) Do livro "Alimentação e Saude" — de McCollum e Simmonds — tradução do Dr. Arnaldo de Morais.

O que é necessario fazer para se aumentar o peso —

"... um melhor estado nutritivo, o que significa mais gorduras em seus corpos, boa digestão e melhoria de fôrças; a faculdade de repousar suficientemente, de modo a que possam restabelecer-se dos efeitos da fadiga acumulada; e a reeducação de seus espiritos para que apredam a raciocinar de modo claro e são. Isto melhorará a percepção que têm da vida. proporcionado aumento dos momentos de alegria."

"Para se aumentar o peso é necessario comer e assimilar mais alimento do que é requerido para energia ou trabalho, além de que êsse alimento deve constar grande parte de variedades que proporcionem gorduras. As proprias gorduras ingeridas para proporcionar gordura, servem admiravelmente para êsse fim, assim como os amidos ou assucares que rapidamente são convertidos pelos tecidos em gorduras. Os alimentos proteinizados, por outro lado, não é com facilidade que se convertem em gordura, embora isto se opere até certo ponto. E' essa a razão pela qual as dietas organizadas para o emagrecimento geralmente contêm grande quantidade de proteinas e pouca de gorduras, assucar ou amido."

(Continúa).

O VALOR DOS PAPEIS

Está demonstrando no belo efeito da gravura junto: sobre um papel pintado no estilo mourisco, uma prateleira quasi tôsca sustentando pratos de metal. Em baixo canecas e outras vasilhas tambem de metal.

RUMBA

E' a dansa da moda. Está Paris no empenho de a tornar universal. No ultimo congresso — a manía moderna — foram apreciadas por um público numeroso todas as dansas antigas e modernas. Aplaudiram os passos que fizeram epoca no seculo 16, as pavanas, gavotas, os minuetes. Depois, mazurkas, schottish, o "cancan", a polka, a valsa puladinha... por fim: tango, **fox, blue, shimmy** e a "rumba", que tem passos de tango, volteios de valsa, mesuras de minuete, miscelanea a que, dizem os entendidos, não faltam graça, distinção e uma poeira de exotismo.

A unica coisa que o Congresso de Dansa, em Paris, esqueceu de fornecer ao público foi o maxixe brasileiro...

GULODICES

Escolher ótimas maçás, tirar-lhes o miólo bem ao centro, sem tocar o outro extremo da fruta. No buraco cuidadosamente aberto deitar um pouco de manteiga, assucar em pó e algumas gotas de agua de flor de laranjeira. Levá-las ao forno brando para que não escureçam exteriormente. Retirando-as depois devem ser arrumadas num prato que suporte o calor, cobri-las com clara de ovo no ponto de suspiro, polvilhar de assucar e novamente submetê-las ao forno até que o doce tome cor.

Um dia de festa para a mocidade do Colegio Militar

A posse do Marechal Esperidião Rosas

O Marechal Esperidião Rosas cercado de seus colegas, amigos, ex-alunos e o General Alcantara, director-demissionario, quando de sua posse no cargo de comandante do Colegio Militar.

A'S primeiras horas da tarde de 5 de Agosto passado, o Colegio Militar viveu um dos seus dias dos mais inesquecíveis com a posse do integro marechal Esperidião Rosas no cargo de diretor-comandante da tradicional instituição da mocidade guerreira.

O velho edificio da Rua São Francisco Xavier, lá por onde seguem, mal saidos da infancia, os homens que amanhã serão o orgulho do Brasil, raras vezes sentiu fremir de mais sadio entusiasmo e patriotismo de maior regosijo, porque, na verdade, a posse do Marecral Esperidião Rosas não foi apenas a homenagem dos seus discipulos, a sua recepção aos atuais alunos, mas a alegria toda natural e espontanea de uma multidão de moços, ávidos de aplaudir, demonstrar o seu contentamento áquele que é o padrão da Justiça e do Patriotismo, do Saber e da Moral.

O Colegio Militar é a nossa organização exemplar. Dele têm saido para a vida pública e das armas, nomes de maior projeção nacional: Oswaldo Aranha, Almirante Paim Pamplona, General Vossio Brigido, Dr. Laudelino Freire, Professor Decio Coutinho, Major Muller de Campos, Fenelon Bromilcar da Cunha, Rocha Maia e outros.

A solenidade da posse do Marechal Esperidião Rosas iniciou-se ás dôze horas no salão, de honra do Colegio. O general Alcantara Junior, diretor demissionario, passando o comando, fez um breve discurso. Antes ainda, á entrada do edificio, falara o juiz Odorico Antunes, ex-aluno do Colegio, que classificou o marechal de "pai da geração que aí está, geração que honra e dignifica".

Respondendo ao general demissionario, o marechal Esperidião Rosas disse que se sentia penhorado e feliz por todas essas recordações e homenagens, êsses gestos da mocidade que vibra dentro da sinceridade e do civismo da disciplina inquebrantavel e patriotica.

Falou, a seguir, ainda, o professor João de Oliveira Sá, tambem ex-aluno, que lembrou a época do então capitão Esperidião Rosas, ajudante do Colegio, finalizando por erguer um viva ao Governo Federal pela escolha que fizera, entregando o Colegio Militar a êsse homem que é o simbolo da frase com que crismou a escola o espirito formidavel de Thomaz Coelho.

O Dr. Emilio Cabral, terminando a série dos discursos, ergueu um viva ao chefe supremo das classes armadas, Dr. Getulio Vargas, que sancionou a nomeação do marechal Esperidião Rosas.

E em meio de maior ordem e enthusiasmo, dos vivas da mocidade, o bravo marechal que já comandou o Colegio Militar de Barbacena, se empossou do comando do Colegio Militar de nossa cidade.

Figura de relevo inapagavel, nome que é um bronze de pureza, o Marechal Esperidião Rosas traz uma vida nova e novas perspetivas ao Colegio Militar. Sob as suas vistas, tudo entrará em nova fase, descortinar-se-ão novos horizontes.

Alunos do Colegio Militar, formados, no dia da posse do Marechal Espiridião Rosas

Um "stand" sem similar

E' um verdadeiro orgulho, a expressão maxima da industria do nosso país, aquela formidavel cidade que a Companhia Hanseatica anima á Rua José Hygino, moldada nas mais modernas e perfeitas bases e onde a higiene é o *artigo primeiro* das suas poderosas instalações.

Na 4ª Feira Internacional de Amostras da cidade do Rio de Janeiro, presentemente visitada pela população em peso da cidade e caravanas de toda a parte, o "stand" da Companhia Hanseatica, elegante de linhas, é admirado minuciosamente, porque, na verdade, desde logo ressalta á vista de todos a excelencia incontestavel de seus produtos — as cervejas Hanseatica, Pilsen e Cascatinha — fabricadas com a cristalina agua das fontes da Tijuca.

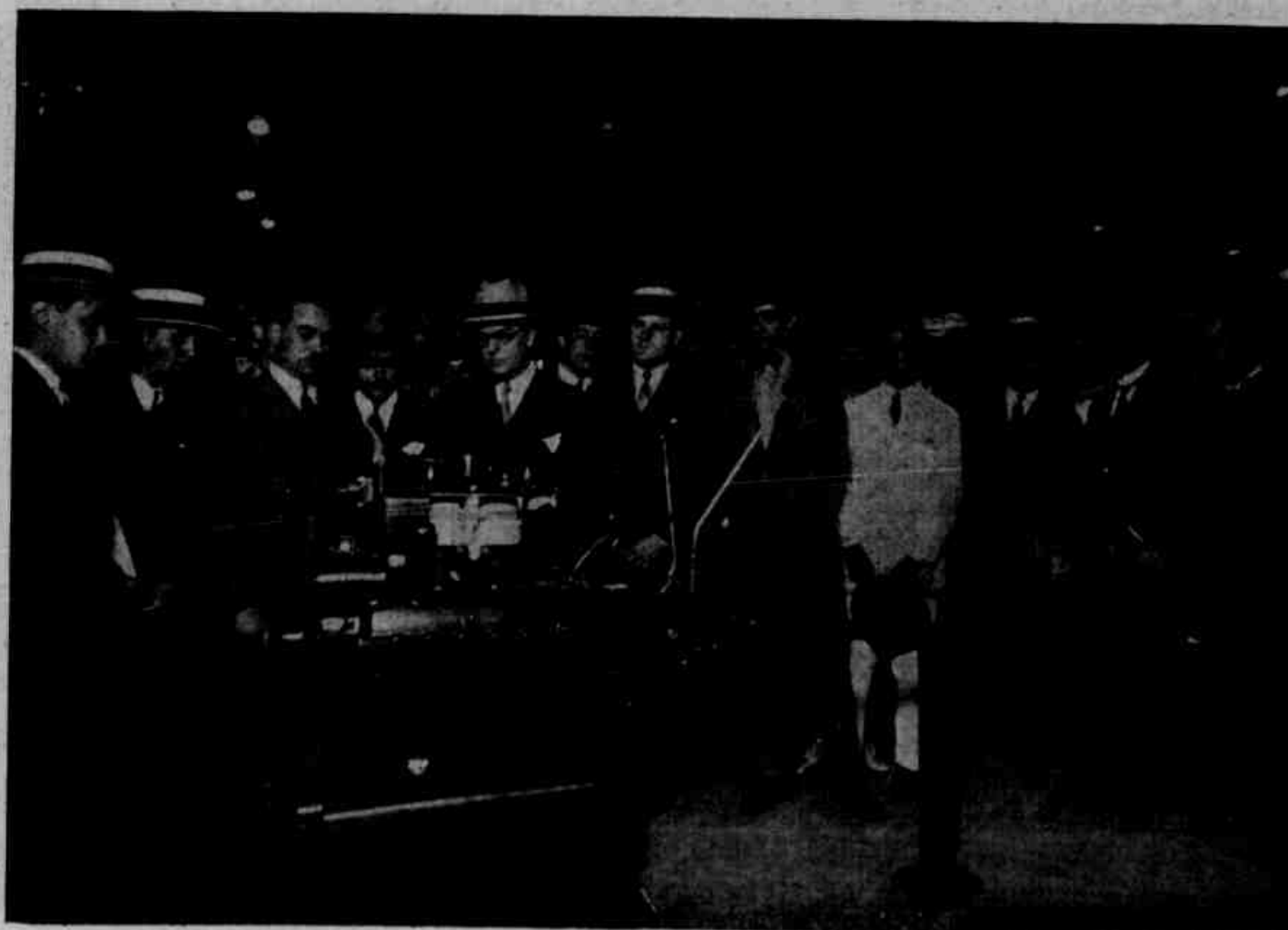
Mas não é unicamente pela boa apresentação dêsses seus produtos que se apinha uma verdadeira multidão na Feira de Amostras dia e noite.

E' sabido sobejamente e proclamado por toda a parte que, chopp por chopp, Guaraná por Guaraná, Agua-tonica por Agua tonica, limonada por limonada, prefere-se e até se exige as que trazem a marca da Hanseatica em destaque, porque isso significa segurança completa, total, na delicia do refrigerante.

O "stand" da Hanseatica na Feira de Amostras dificilmente encontra similar em beleza.

Stand das aguas S. LOURENÇO NA FEIRA DE AMOSTRAS

O MINISTRO DO TRABALHO NA EXPOSIÇÃO FORD

Aspéto da inauguração da maior sensação da semana: Exposição Ford, no Assyrio, baixos do Teatro Municipal, presente o Dr. Lindolfo Collor, Ministro do Trabalho, Edwin Morgan, Embaixador dos Estados Unidos, e outras pessoas de nossa alta sociedade e dos circulos politicos, industriais e jornalisticos. Nesta fotografia, o Sr. Harry Braunstein, Gerente da Ford no Brasil, cavalheiro dos mais simpaticos, mostra ao nosso ministro do Comercio o funcionamento do motor Ford.

Concurso de Contos do PARA TODOS...

O Concurso de Contos do "Para todos..." será encerrado no dia 29 do corrente definitivamente. Depois dessa data não mais receberemos qualquer original.

SOCIEDADE DE AMIGOS DAS ARVORES

As nossas matas e florestas vão ter os seus protetores. Os Amigos das Arvores, reunidos numa sociedade, já contam com as adesões dos senhores dr. Leoncio Corrêa, ex-diretor geral da instrução municipal; dr. Leopoldo de Souza Leite, medico da Assistencia Municipal; dr. Augusto de Lima, ex-deputado mineiro, autor do projeto de Codigo Florestal; dr. Ildefonso Simões Lopes, ex-ministro da Agricultura e deputado pelo Rio Grande do Sul, diretor do Banco do Brasil; dr. Julio de Azurem Furtado, alto funcionario municipal, médico e jornalista; dr. Raul Pederneiras, professor de direito e jornalista; dr. Edgard Roquete Pinto, da Academia Brasileira, diretor do Museu Nacional; dr. Francisco de Assis Iglesias, diretor do Horto Florestal; dr. Luiz Simões Lopes, fundador da "Revista Florestal", oficial de gabinete da presidencia da Republica; professor Durval Ribeiro de Pinho, inspetor escolar; dr. Pedro Viana da Silva, diretor de Arborização e Jardins; professor J. Carlos de Albuquerque Gondim, da Escola Wesceslau Braz; professor Benevenuto Berna, escultor, presidente do Centro Carioca; dr. Adolfo Castro Barreto, médico escolar; Fortunato Campos de Medeiros, secretario da Diretoria de Instrução Municipal e jornalista; dr. Plinio Maciel Monteiro, médico; dr. José da Costa Sena, inspetor escolar; dr. José Vitor da Rocha Miranda, engenheiro civil; Solitador Christovão Guerra; dr. J. Geraldo Kuhlmann, tecnico do Horto Florestal; dr. Oscar de Aguiar Moreira, inspetor escolar; professor Lourival Ribeiro de Oliveira, jornalista; Alvaro Euclydes da Costa Lima, da Diretoria de Obras da Prefeitura; Noel Bergamini, official de gabinete do interventor do Distrito Federal; dr. Luiz José Pereira Simões Filho, secretario da Diretoria de Arborização e Jardins; dr. Domingos Magarinos de Souza Leão, inspetor escolar; dr. Horacio José de Campos, procurador do Estado do Rio de Janeiro; coronel Julio Gaertner, presidente do Centro Paranaense; professor José Venerando da Graça, inspetor escolar; professor Lupercio Hoppe, da Escola Normal; dr. José Chermont de Brito, inspetor escolar; maestro Olegario Tavares, compositor e professor de musica; Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, da inspetoria Agricola e Florestal; dr. Hermeto Lima, jornalista; professor Tasso Peres, dr. Carlos de Campos, alto funcionario da Prefeitura.